

GONZALO BÁEZ CAMARGO

# **GÊNIO E ESPÍRITO DO METODISMO WESLEYANO**

Conferências pronunciadas na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, em sua Semana Wesleyana, Maio de 1961. Baseadas em um discurso pronunciado à juventude da Conferência Anual do Centro, Igreja Metodista do México, Janeiro de 1953.

Traduzido do original em espanhol “Genio y Espiritu del Metodismo Wesleyano”, publicado pela Casa Unida de Publicaciones S.A. (México) - 2ª edição — 1981.

1ª Edição em Português —1986 - Imprensa Metodista

Tradução: Geoval Jacinto da Silva

# **ÍNDICE**

---

**PALAVRA INICIAL**

**1 - UM AVIVAMENTO EVANGÉLICO**

**2 - UM ENTUSIASMO RACIONAL**

**3 - UMA PIEDADE ILUSTRADA**

**4 - UMA EVANGELIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA**

**5 - UMA DISCIPLINA DEMOCRÁTICA**

**PALAVRA FINAL**

## **PALAVRA INICIAL**

O autor das páginas que seguem é um metodista da terceira geração no México. Foi formado dentro do metodismo, e foi dentro do metodismo que encontrou pessoalmente a seu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Tem, pois, com o metodismo, uma insaldável dívida espiritual.

O tema das conferências que seguem implica, naturalmente, em enfatizar valores positivos do metodismo como sendo um dos vários ramos da Igreja de Cristo. O autor crê nestes valores, e encontra neles um motivo mais para sentir-se contente de ser metodista, e de que a tradição metodista lhe venha de seus avós e seus pais.

Isso, porém, não significa, de maneira alguma, um menosprezo aos valores com que outras confissões cristãs têm contribuído ao conhecimento de Cristo, e vida e obra de Sua Igreja no mundo. O autor, cujo privilégio como obreiro leigo evangélico tem sido entrar em fraternal contato com crentes de diversas denominações, se sente devedor também, em seu desenvolvimento espiritual, de todas e cada uma delas. E tem sido justa mente o espírito do metodismo no qual se tem formado, o que lhe tem permitido derivar desses contatos interdenominacionais, ricas bênçãos.

Longe do autor qualquer orgulho denominacional ou sentimento exclusivista baseado na confissão que professa. O Espírito de Deus opera de diversas maneiras e por diversos caminhos. O metodismo não é mais que um deles. Graças a Deus por outros, tanto como por ele!

Como veremos nas partes que seguem deste livro, são traços essenciais e característicos do metodismo wesleyano o avivamento evangélico, o entusiasmo racional, a espiritualidade ou piedade ilustrada, o ministério leigo, um “evangelismo” revolucionário e uma disciplina democrática.

Em tudo isso consiste o gênio e o espírito do metodismo wesleyano.

# **1. UM AVIVAMENTO EVANGÉLICO**

No decorrer de sua história, o cristianismo tem demonstrado uma assombrosa capacidade de renovação espiritual. Muitas vezes tem sido invadido por doutrinas e práticas estranhas, e tem atravessado épocas de decadência, que pareciam anunciar que estava fora do seu ritmo normal e prestes seu desaparecimento. Mas o Espírito de Deus que opera, apesar de tudo, em seu meio, produz movimentos de reforma que apuram e imprimem novo vigor e o segue impulsionando para frente.

O principal desses movimentos de renovação foi, sem dúvida, o da Reforma Protestante do século XVI. Mas se sabe que houve reformas antes da Reforma. E que houve depois também. Uma delas foi o grande avivamento conhecido com o nome de Metodismo, que teve como principal iniciador e diretor um ministro da Igreja da Inglaterra (Anglicana) chamado João Wesley, no século XVIII.

Efetuada sua separação da Igreja Católica Romana no século XVI, a Igreja da Inglaterra havia caído em um estado de rigidez cerimonial, ritualismo e sequidão espiritual. As condições das igrejas chamadas “dissidentes” ou “não conformistas” não parecia ser melhor. Uma e outra tinham, segundo a expressão metodista que se tornaria famosa, a “forma”, mas não “a experiência da piedade”.

Os historiadores estão unânimes, por outra parte, em que o estado moral e social da Inglaterra do século XVIII não podia ser mais deplorável. Em seu “Discurso aos magistrados e autoridades”, o bispo Berkeley resumia em 1738, ano da conversão de João Wesley, aquela situação, nos seguintes termos:

*A moralidade e a religião alcançaram um grau tão baixo, que nunca se havia visto em nenhum país cristão... Nossas perspectivas são terríveis, e os sintomas pioram dia a dia.*

Foi naquelas condições que surgiu o metodismo, como uma reforma necessária: uma reforma da Reforma. Como se originou e o que foi?

É considerado por alguns que a origem do metodismo foi o Clube dos Santos, aquele grupo que João e Carlos Wesley formaram em Oxford, em seus tempos de estudantes, e que mediante regras estritas de vida religiosa e de conduta, se buscava alcançar um alto grau de piedade cristã. Mas o certo é que o Clube dos Santos representa uma atividade anterior ao nascimento do metodismo, e tem uma índole diversa.

O Clube dos Santos não era o caminho. Foi para Wesley o que a vida monástica e as penitências conventuais haviam sido para Lutero: um caminho equivocadamente para satisfazer as necessidades da alma. Porque era, todavia, o caminho da justificação pelas obras. Por isso, não. O metodismo não nasceu nas reuniões do Clube dos Santos, porém nasceu naquela pequena capela dos moravianos da rua Aldersgate. Não foi um sistema de regras e uma autodisciplina, mas foi um “calor estranho” no coração.

O Clube dos Santos era um esforço perfeccionista. Certamente de inspiração religiosa. Porém buscava agradar a Deus mediante uma boa conduta e nada mais. Era buscar a salvação por meio das obras da lei moral e do preceito religioso. Depois de Aldersgate, Wesley viu claramente aquele erro. Com respeito àqueles dias escreveu mais tarde:

*Eu pregava muito, mas não via fruto de meus labores. Realmente, não era possível que eu o tivesse, porque eu não punha o fundamento do arrependimento, nem de crer no Evangelho.*

Quando regressava à Inglaterra, depois de sua falida experiência de missionário na Geórgia, EUA, escrevia também:

*Eu fui à América converter aos índios. Mas quem converterá a mim? Quem me livrará deste coração perverso e incrédulo? Tenho uma formosa religião de verão. Posso falar dela. Até posso crer nela, enquanto está longe o perigo, mas logo que a morte me olha cara a cara, meu espírito se acovarda. Eu não posso exclamar: “Para mim o morrer é lucro!”*

O metodismo não foi outra coisa, senão a expressão do ímpeto de constante renovação espiritual que, por cima e por baixo das formas sem movimento e vazias, constitui o gênio e a potência do cristianismo. Por isso está vinculado com todos os movimentos de reforma cristã que têm aparecido no decurso da História. Foi, como todos eles, um esforço pujante por retornar às fontes originais e à experiência autêntica do cristianismo evangélico e apostólico.

“O avivamento evangélico do século XIX”: tal é a expressão de que se servem os historiadores para designar o metodismo. Porque na realidade João Wesley não se propôs fundar uma nova Igreja ou denominação. Se a força das circunstâncias históricas obrigou o metodismo a constituir-se finalmente em uma denominação, ou Igreja por separado, tal coisa sucedeu contra os desejos e propósitos originais do reformador.

Wesley sempre considerou a si mesmo como um ministro da Igreja da Inglaterra (Anglicana ou Episcopal). Não queria separar-se dela, queria sim, reformá-la por dentro. Por isso o nome que deu aos primeiros grupos metodistas foi o de “sociedades”. Não de Igreja ou igrejas. Era a idéia de células que, por seu intenso fervor e sua atividade renovadora, fossem dentro do corpo da Igreja um novo e poderoso elemento de vida.

Cada passo que o reformador deu em direção de uma organização por separado, lhe foi imposto em grande parte, pela atitude intolerante e até perseguidora das autoridades anglicanas de sua época. Como lhe negaram o uso dos púlpitos, se lançou a pregar nas ruas

e nos campos. Como se negavam a investir de ordens sagradas a seus pregadores, criou uma ordem de “pregadores leigos”, os verdadeiros propagadores do metodismo. Só depois de uma viva luta interna, Wesley se decidiu a ordenar, em companhia de outros presbíteros da ordem anglicana, novos ministros. E só diante do que parecia irremediável, se rendeu, com dor, à necessidade de romper a unidade do anglicanismo.

Em seu tratado “O caráter de um metodista” (1742), Wesley escrevia:

*É o simples e antigo cristianismo o que eu prego, renunciando a todas as outras marcas de distinção, e detestando-as. Mas dos verdadeiros cristãos, qualquer que seja sua denominação, desejamos ardentemente não distinguirmos em nada... Por questão de opiniões e de termos não destruamos a obra de Deus. Amas e temes a Deus? Isso é bastante! Te estendo a mão direita do companheirismo.*

E logo, repudiando a idéia de que queria fundar uma nova seita o primeiro Metodista chega a dizer:

*Eu me regozijaria (tão pouca ambição tenho de ser cabeça de uma seita ou partido) se o próprio nome Metodista não voltasse a ser mencionado jamais, ou que fosse sepultado e eternamente esquecido.*

É claro, pois, que a essência do Metodismo não está em peculiaridade alguma nem no desejo de ser “diferente”, ou de ser algo mais e melhor, “denominacionalmente” falando, que os demais grupos cristãos. O metodismo aspirou ser, e foi, antes de tudo, um “avivamento evangélico”. E como tal, achou ao fim sua expressão não só nas sociedades metodistas que o iniciaram, como também nos avivamentos sucessivos que por repercussão, experimentaram as outras denominações, inclusive, a própria Igreja da Inglaterra; tempos depois, líderes da própria Igreja Anglicana, com carinho e respeito, abriram suas portas a Wesley, para oferecer os púlpitos que antes lhe haviam negado.

Avivamento evangélico. Em que consistia tal movimento? Simplesmente em um retorno à experiência e doutrina da salvação pela graça livre e universal de Deus em Jesus Cristo, e ao gênero de vida e obras que emanam dessa experiência. Experiência pessoal, profunda e viva, que se confirma e manifesta, primeiramente, pelo testemunho interior do Espírito Santo, de que somos filhos de Deus e temos sido perdoados, o qual produz um gozo e uma paz profundos; e em segundo lugar, por uma vida cheia de amor, consagrada ao serviço de Deus e do próximo, e impregnada do “mesmo sentimento que houve em Cristo”. (Fp 2:5).

O metodismo foi um movimento e não uma instituição. Um movimento que se iniciou no redescobrimento da experiência viva da graça de Deus e do “testemunho do Espírito ao nosso espírito”, feito por João Wesley, e que debaixo da influência de sua poderosa pregação se propagou como um incêndio em bosque seco. Poderia caracterizá-lo empregando a expressão de Adolfo Harnack em uma entrevista com E. Stanley Jones.

Dizia, tocando-se ao coração: “É aqui onde o Jesus histórico se junta com o Cristo da experiência”. <sup>(1)</sup>

Como um avivamento evangélico, quer dizer, como um retorno desde o centro da própria reforma ao cristianismo do Novo Testamento, o metodismo repudiou os extremos do sacramentalismo, do institucionalismo, do dogmatismo intelectualista, do sentimento sensual, do clericalismo hierárquico, do ensimesmamento místico e do semipelagianismo moralista: desvios perigosos, todos eles, do Evangelho autêntico de Jesus Cristo.

Sendo a sua “uma teologia de graça experimentada” <sup>(2)</sup> o metodismo se livrou de fazer da teologia uma obsessão. Buscando antes de tudo a experiência pessoal da regeneração, evitou os excessos do dogmatismo. Como Jesus a Nicodemos, não propôs ante as almas uma discussão de opiniões, mas tão somente a grande interrogação: “Tens nascido de novo?”.

E assim deve ser. Porque o que me cura não é uma idéia clara, científica, perfeita; por exemplo: o que são os antibióticos, se não colocar-me nas mãos do médico, crer que por meio daquilo que me receita, ele me curará, e aceitar e tomar os antibióticos que me receitou? Depois, sim, poderei estudar tudo quanto quiser sobre a teoria dos antibióticos. E me fará bem conhecê-la. Ser-me-á de grande proveito entender a natureza de minha enfermidade e de que modo esses maravilhosos medicamentos a curam. Mas não são esses conhecimentos que me curaram.

Aos dogmáticos intelectualistas, o metodismo lhes diria, parafraseando o que Cristo disse aos fariseus e doutores nas Escrituras: “Construíis belas fórmulas teológicas e as abraçais desesperadamente a credos escrupulosamente elaborados, porque a vós parece que fazendo assim, tereis neles vida eterna. Esqueceis que eles não fazem mais que falar acerca de Mim. E não quereis vir a Mim para que tenhais vida!”

Porque, com efeito, o dogmatismo intelectual, ou seja, a preocupação dominante com a mera ortodoxia, comete no fundo uma suplantação do Evangelho. Faz consistir a salvação, já não na obra redentora de Cristo, que o crente aceita para si, pessoalmente, por meio da fé, se não pela aprovação completa e juramentada a um sistema de fórmulas teológicas. Substitui a pessoa viva e adorável de Cristo com um bonito, compacto, consistente credo acerca de Cristo. E de partida proclama que o que salva não é crer em Cristo, mas ter crenças ortodoxas acerca de Cristo.

É o caso dos “defensores da pureza da doutrina”, que não cuidam da abundância da vida espiritual. São como aquele botânico da história. Tinha um formoso jardim, com as mais belas plantas. Ao lado de cada uma cravou uma estaca com uma tabuleta na qual escreveu o nome científico respectivo, e a classificação botânica correspondente. E acabou-se por preocupar-se tanto de que não se apagassem esses nomes e classificações que se esqueceu de adubar, regar e cuidar das plantas. Até que todas as plantas murcharam, e só sobrou ao botânico, árido memorial de sua vaidade científica, um jardim cheio de estacas mortas e de letreiros em latim que ninguém compreendia.

Não chega o dogmatismo a deixar comprovada essa suplantação, quando, por exemplo, no credo de Atanásio, traz a parte dedicada à doutrina da Trindade, e termina dizendo: “Portanto, aquele que quiser salvar-se tem que pensar assim acerca da Trindade”? Em troca, o Metodismo, segundo Rowe, diz:

*Nossa Igreja relega a um lugar secundário os credos e as formas externas, e acha a essência da religião verdadeira no Espírito de Cristo. (3)*

É interessante notar que João Wesley jamais escreveu, nem tentou escrever, uma Teologia Sistemática. Seu método doutrinal foi simplesmente a exposição bíblica. Assim como a teologia de Paulo, que tampouco foi um teólogo sistemático se encontra dispersa em suas cartas às igrejas e alguns de seus colaboradores, a teologia de João Wesley se acha disseminada em seus sermões, e em suas Notas sobre o Novo Testamento.

Em realidade, o metodismo não tem formulado, nem antes, nem depois, uma Confissão ou Credo próprio. Os Artigos de Fé que figuram em sua Constituição são uma condensação dos Trinta e Nove artigos da Igreja da Inglaterra (reduzidos a 25 na Igreja Metodista Episcopal e seus derivados). E estão redigidos em forma tão ampla e simples, que os crentes de outras confissões e denominações podiam subscrevê-los sem dificuldades.

Referindo-se aos metodistas primitivos, há dito bem o doutor William P. Tolley: “À parte da crença na Trindade não tinham teologia nem dogmas, e mui es cassa doutrina”. <sup>(4)</sup> Esse autor cita John Alfred Faulkner, que sobre o metodismo escreve: “Foi um avivamento da religião, não um sistema de teologia”.

Por suposto, isso não quer dizer que o metodismo careça de uma mensagem definida. Sua doutrina ocupa o lugar devido, ainda que não de absoluta primazia. Até pode-se dizer que tem, no seu todo, uma teologia. Porém, só no sentido em que uma teologia seja mensagem viva, não dogma de cadavérica rigidez. Se a mensagem do metodismo quiser expressar-se em forma de postulados doutriniais a condição de que não se lhes queira dissecar em minuciosos filamentos dogmáticos, talvez resultariam os seguintes:

1. Todos os homens somos pecadores, impotentes para salvar-nos por nós mesmos.
2. A justificação é pela fé e não pelas obras. Somos salvos unicamente pela graça infinita e livre de Deus.
3. Cristo morreu por todos os pecadores. Portanto, a graça salvadora de Deus em Cristo se oferece a todos, e é acessível a todos os que em arrependimento e fé queiram aceitá-la.
4. É o testemunho do Espírito Santo a nosso espírito o que nos dá segurança e paz de sentir-nos filhos reconciliados com Deus.
5. A vida cristã consiste em viver como pecadores perdoados, como filhos de Deus, crescendo em amor e consagração a Ele, mediante a operação de seu Espírito em nós, para a perfeição.



Tal seria o que poderia chamar-se em termos gerais, “a teologia do metodismo”. Mas insistimos em que a característica do metodismo não está na adesão intelectual a uma plataforma de postulados doutrinários, mas em um empenho na experiência pessoal, na qual a verdade do Evangelho se faz viva e patente por meio da fé em Cristo como Salvador, Senhor e Deus.

Em 1742, Wesley escrevia:

*As marcas distintas de um Metodista não são suas opiniões de qualquer classe. Sua adesão a tal ou qual plano religioso, o fato de que abrace algum sistema particular de noções, em que se adira ao juízo deste homem, ou daquele: tudo isso está muito longe do ponto de importância.*

E jamais mudou de opinião. Pregando em 1788 a uma congregação em Glasgow, lhes dizia:

*Não há outra sociedade religiosa debaixo do céu que não requeira nada dos homens para serem admitidos nela exceto o desejo de salvar suas almas. Olhe a todo vosso redor. Não podeis ser admitidos na Igreja ou sociedade dos presbiterianos, anabatistas, quacres ou qualquer outra, a menos que sustentéis a mesma forma de culto.*

*Os metodistas são os únicos que não insistem em que sustentéis esta ou aquela opinião, mas que pensam e deixam pensar. Tão pouco impõem uma forma particular de culto, senão que podeis continuar rendendo culto à vossa maneira anterior, seja qual for.*

*Agora bem, não conheço nenhuma outra sociedade religiosa, antiga ou moderna, em que tal liberdade de consciência se permita agora ou se tenha permitido, desde a época dos apóstolos. Nisto consiste nosso gloriar-nos, e é um gloriar-nos que nos é peculiar.*

Em uma ocasião escrevia:

*Não condeneis a ninguém por não pensar como vós pensais. Que cada um goze da liberdade plena de pensar por si mesmo. Que cada um use de seu próprio juízo, visto que cada qual dará conta de si mesmo a Deus. Se for impossível argumentar ou persuadir a alguém a aceitar a verdade, não trateis nunca de empregar a força para obrigá-lo. Se o amor não o constrange a vir, deixa-o com Deus, o juiz de todos nós.*

É verdade que, sendo humano, nem sempre pôde Wesley ter paciência com os que divergiam de suas opiniões. Teve fortes tentações a faltar ao princípio, tão claramente postulado por ele, da liberdade de pensamento e opinião. E às vezes sucumbiu a elas. Por exemplo, sustentou violentas controvérsias com seu antigo discípulo Whitefield, que debaixo da influência, nos Estados Unidos, do famoso Jonathan Edwards, havia podido conciliar seu ardor metodista com a teologia de Calvino.

Whitefield não foi menos combatível. Com seus metodistas calvinistas formando já um grupo diferente do encabeçado por Wesley, estabeleceu um Tabernáculo, perto do centro wesleyano da Antiga Fundação. E de púlpito se formou uma exaltada batalha

teológica, na qual não deixaram de alterar os ânimos e de enfraquecer a amizade dos dois antigos companheiros de Oxford e dos inícios do metodismo. Porém a piedosa condessa de Huntingdon, que depois de haver seguido a Wesley, se havia filiado ao calvinismo de Whitefield, sem perder seu afeto e admiração pelo fundador, advogou entre ambos polemistas com muito bom êxito.

Wesley e Whitefield se reconciliaram como irmãos, se bem que cada qual seguiu mantendo suas próprias posições teológicas. Efetuou-se com os dois grupos e seus chefes um comovedor serviço unido de Santa Ceia no Tabernáculo, e os dois grandes homens de Deus se mantiveram, até que a morte interveio, ligados pelo amor fraterno. E se disse que quando, às vezes sem sentir começavam de novo a contender-se, Whitefield suavizava os ânimos com sua famosa frase: “Bom, irmão, coloquemo-nos de acordo em não estar de acordo”.

É que Wesley, apesar de sua própria dificuldade em pôr em prática seu próprio critério e convicção, nem por isso renunciava a eles. E isto os reiterava sempre que podia. Em outra ocasião Wesley os expressou assim:

*Não pelejarei convosco por uma mera opinião. Tenha cuidado somente de que vosso coração seja reto para com Deus, que conheçais e ameis ao Senhor Jesus Cristo; que ameis a vosso próximo e que andeis como andou vosso Mestre. E não desejo mais. Aborreço-me as opiniões. Canso-me de ouvi-las. Minha alma detesta esse alimento frívolo. Dai-me a religião sólida e substancial. Dai-me a um amante humilde e aprazível de Deus e do homem; a um homem cheio de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade nem hipocrisia, a um homem que se ocupe no trabalho da fé, na perseverança da esperança e no labor de amor. Que minha alma esteja com esta classe de cristãos, quem quer que sejam, qualquer que seja sua opinião.*

Resumindo, o metodismo proclamou a primazia da experiência sobre a simples inscrição a uma doutrina. Não surgiu de uma lucubração teológica nem de uma suposta cruzada “fundamentalista”. Surgiu de uma viva experiência da graça regeneradora de Deus em Jesus Cristo e por meio do Espírito Santo. A teologia veio depois, pouco a pouco, e sem qualquer exigência inquisitorial e intransigente. Já temos visto que, embora o metodismo seguiu em geral a corrente teológica arminiana, também se formou em seu meio uma importante corrente calvinista.

É que acima de qualquer divergência em matéria teológica, estava a unidade essencial de uma mesma experiência: a da regeneração pela graça divina. Nada mais longe do verdadeiro espírito metodista, que o que pessoa ou grupo algum quisera então, ou queira hoje, erigir-se em tribunal supremo e inapelável da ortodoxia. “Os fundamentos mesmos do movimento, sublinha J. W. Bready — foram práticos e experimentáveis, mais que teóricos ou metafísicos”.

Experiência da graça regeneradora de Deus em Cristo. Eis aí, pois, a essência do metodismo. E já se vê desde logo que não é essência exclusiva. Todo verdadeiro cristão, leve ou não o nome de metodista, há de ter essa experiência pessoalmente. Toda denominação, metodista de nome ou não, que faça dessa experiência a substância do

cristão, e que a busque e promova entre seus membros, e que chame a todos os homens a entrar nela, é tão cristã e evangélica como o metodismo. Assim como toda pessoa ou grupo metodista que necessite dessa experiência, ou que dê menos importância a ela que a formas de governo eclesiástico, ritos de culto, tradições administrativas ou postulados teológicos em si, não terá de metodista mais do que um nome usurpado e sem sentido efetivo.

Esse empenho na primazia da experiência pessoal tem feito do metodismo uma forma equilibrada de vida religiosa. Pois, como veremos nas partes que seguem deste livro, o metodismo autêntico se caracteriza não só por um avivamento evangélico, mas por um entusiasmo racional, uma espiritualidade ou piedade ilustrada, um ministério leigo, um “evangelismo” revolucionário e uma disciplina democrática.

Em tudo isso consiste o gênio e o espírito do metodismo Wesleyano.

## **NOTAS:**

- (1) Cit. por G.T. Rowe. *El Espiritu y el Genio del Metodismo*. Imprenta Cokesbury, Nashville, 1930, p. 83
- (2) Rowe, op. cit., p. 127.
- (3) Op. cit., p. 8.
- (4) *Methodist Education and World Culture*, discurso ante a Nona Conferência Metodista Mundial. Junaluska, 1956.
- (5) *This Freedom – Whence?* American Tract Society New York, 1946.

## **2. UM ENTUSIASMO RACIONAL**

Os primeiros metodistas não foram realmente, como dissemos antes, aqueles jovens estritos e formais do Clube dos Santos, de Oxford, que buscavam sua salvação em uma piedade legalista e ascética. Os primeiros metodistas foram aqueles rudes mineiros de Cornwallis, aquelas mulheres resgatadas da sarjeta, aqueles limpadores de chaminés de Londres, todas aquelas gentes desprezadas pela sociedade, para quem o Evangelho foi em verdade “Boas Novas”: as boas novas de que a graça de Deus em Cristo, universal e infinita, era também para eles.

Isso produziu em suas vidas, antes opacas e sujas, um raio de luz. E quando chegaram a experimentar pessoalmente, em si mesmos, a verdade inefável daquilo que se anunciava nas reuniões metodistas, a vida de gozo, que, muitas vezes de golpe, inundou seu coração, se fez incontido. Aquilo era o que Chalmers chamava “o cristianismo fervoroso”.

O que mais os clérigos e dirigentes ritualistas da Igreja Oficial e os aristocratas meticulosos da alta sociedade inglesa criticavam ao metodismo primitivo, era o entusiasmo transbordante que inspirava também às pessoas comuns e humildes. A João Wesley chegaram a chamar de “um entusiasta demente”. Quando o Rev. Joseph Trapp, D. D., de Londres, falava do movimento metodista, o denominava “a peste do entusiasmo” <sup>(1)</sup>. Um jovem ministro chamado Thomas Tucker atacava a Whitefield acusando-o de “propagar blasfêmias e noções entusiastas que lesavam a raiz de toda religião”. E o bispo de Londres, Edmund Gibson, publicou em 1793 uma pastoral contra os metodistas, intitulada: “Carta pastoral a modo de advertência contra a frieza, por uma parte, e o entusiasmo, por outra”.

Outro crítico se lamentava, dizendo:

*Em Yorkshire, pela pregação metodista, o espírito do entusiasmo tem prevalecido de tal modo que quase todo aquele que pode repisar um capítulo da Bíblia se tem convertido em expositor, das Escrituras... Seus discípulos nunca se encontram bem, senão, quando estão em um templo ou expondo a Bíblia, o que podem fazer por improvisação em qualquer momento, desde o Gênesis até o Apocalipse, com grande facilidade e poder.*

E chamava aos metodistas “entusiastas enlouquecidos” <sup>(2)</sup>. Por sua parte, um autor, S. Roe, em um livro intitulado “Entusiasmo descoberto e derrotado”, chegou a propor ao Parlamento “cortar a língua” dos pregadores metodistas.

Assim, pois, metodismo chegou a ser sinônimo de entusiasmo. Aos metodistas se lhes chamou primeiramente “os entusiastas”. O movimento esteve a ponto de chamar-se

“entusiasmo”, em vez de metodismo. Imaginemos! Hoje nos chamaríamos não de Igreja Metodista, mas de Igreja Entusiasta.

Com efeito, o metodismo se caracterizou por seu entusiasmo. Os primeiros metodistas entravam, como Wesley, na experiência do “calor estranho” no coração. Recordemos uma vez mais o que sucedeu naquele 24 de maio de 1738 na capela da rua Aldersgate, enquanto um leigo lia o Prólogo de Lutero à Epístola aos Romanos. Wesley mesmo o descreveu em uma passagem famosa de suas recordações:

*De modo que, às oito horas e quarenta e cinco minutos, enquanto escutava a descrição da mudança que Deus opera no coração por meio da fé em Cristo, senti arder meu coração de uma maneira estranha. Senti que confiava em Cristo, em Cristo somente, para minha salvação. E recebi a segurança de que Ele havia apagado meus pecados e que me salvava a mim da “lei do pecado e da morte”. Coloquei-me então a orar com todas as minhas forças por aqueles que mais me haviam perseguido e traído. Depois dei testemunho público diante dos assistentes do que sentia pela primeira vez em meu coração.*

Era uma libertação, uma vitória, uma segurança, que se expressavam imediatamente em oração e testemunho público. O primeiro sermão que Wesley pregou depois daquela experiência foi sobre o seguinte texto: “E esta é a vitória que vence o mundo: nossa fé” (1Jo 5:4). Foi um canto de triunfo. O metodismo nasceu ao som de trombetas triunfais, levando estrofes de libertação nos lábios, e um manancial de sagrada exaltação nos corações.

“Essa noite, refere Wesley em seu Diário, me atacaram rudemente em um grande concurso de pessoas, chamando-me um entusiasta.” E quando Carlos Wesley se atirou por campos e praças, elevando seus imortais hinos de graça, amor, gozo e vitória espiritual, o metodismo se fez em cântico aceso, e as miseráveis e oprimidas massas populares romperam em movimentos impetuosos de entusiasmo.

As massas inglesas não haviam conhecido até então mais alegria do que a ilusão artificial dos licores, nem mais cantos que os insolentes da taberna. Um dia se sentiram possuídos de uma embriaguez espiritual, como os apóstolos no Pentecostes, e se atiraram na rua cantando hinos de redenção: havia nascido o metodismo. E havia nascido como um movimento caracterizado pelo gozo e pelo entusiasmo.

“Uma piedade azeda, escreveu uma vez Wesley, é religião do diabo”. Os que falam e escrevem sobre a “frieza do protestantismo”, o fazem de ouvido ou a golpe de vista. Pois passam por alto esse fogo, essa efusão de entusiasmo e de gozo transbordantes que não encarnado em movimentos como o moravo (ou morávio) e o metodista.

Entretanto, o entusiasmo exaltado e sem domínio encerra grandes perigos. E pode suceder que em si mesmo não tenha sempre as mesmas manifestações em todos os crentes. O gozo da salvação pode ser, em uns, uma explosão, em outros, um sentimento tranquilo, reconcentrado e profundo. Até, em alguns casos, pode não ter manifestações públicas e visíveis. O próprio Wesley, em sua experiência de Aldersgate, com toda a sua profundidade

e realidade, não experimentou, na forma de um arrebatamento ou um êxtase, o gozo que sem dúvida lhe envolveu a alma. Sigamos recordando o que ele disse mais adiante, no relato de sua conversão de Aldersgate:

*O inimigo me sugeriu imediatamente este pensamento: “Esta não pode ser a fé, pois, onde está o gozo?” Porém eu aprendi logo que, se bem que a paz e a vitória sobre o pecado estão intimamente ligadas com a fé no autor de nossa salvação, não sucede o mesmo com os arrebatos de gozo que a acompanham em geral, sobretudo naqueles que têm passado por uma agonia profunda; senão que Deus se reserva dispensá-los ou recusá-los segundo lhe apraz.*

Em outras palavras, a unanimidade da experiência profunda da graça redentora de Deus em Cristo não significa necessariamente uma uniformidade nas manifestações emotivas externas dessa experiência. O único significado visível e externo dessa experiência, e que não falta nunca quando ela é real, é a vida transformada, os frutos do caráter e da conduta, “os frutos do Espírito” (Gl 5:22-23).

Isto que Wesley compreendeu tão bem, salvou o metodismo primitivo de converter-se em uma simples onda de emoções desbocadas e de sentimentalismo uivante. Wesley havia experimentado uma profunda mudança no coração, porém sempre conservou a cabeça sobre os ombros. Sua mãe Susana o havia ensinado, igual que a seus irmãos, desde pequeno, a raciocinar tão serenamente como fosse possível, antes de formar decisões. Daí tomou, por exemplo, o costume de escrever em um papel, minuciosa e até friamente, os prós e os contras de qualquer questão, a fim de pesar as razões para atuar em um sentido ou em outro. Disse o poeta Southey sobre João Wesley: “Realmente nenhum homem tem sido mais destro na arte de raciocinar”.

Assim foi como mais tarde, quando chegou à sua vida a envolvente experiência pessoal da graça divina, e quando liderou o mais poderoso avivamento cristão da época, e um dos mais poderosos da história, pôde combinar o júbilo com o juízo, o sentimento com a inteligência, o arrebatamento do entusiasmo com o governo da razão.

Nas reuniões metodistas começaram a suceder coisas diferentes. Um dia, enquanto Wesley pregava, uma mulher rompeu em gritos de dor, pelo peso de seus pecados. Isso não era estranho, pois com frequência Wesley se via interrompido em sua pregação pelos gemidos e por lamentos dos que, tocados pela convicção do pecado, imploravam misericórdia.

Uma vez quando pregava ao ar livre, um transeunte se deteve a escutá-lo. De repente se pôs pálido como um morto, caiu desfalecido como se um raio o tivesse fulminado e prostrado em terra, clamava pedindo o perdão de Deus. Em outra ocasião, um concorrente que havia ouvido falar dos metodistas e os havia criticado duramente, externou na reunião suas objeções, dizendo que tudo aquilo era uma farsa. Estava falando ainda quando, de repente, caiu em terra como se houvesse recebido um golpe do alto, e se retorcia tomado de angústia mortal. Wesley se pôs a orar por ele e o homem se foi recuperando pouco a pouco.

As primeiras palavras coerentes que pronunciou se dirigiam ao pregador: Agora sim, lhe digo, que verdadeiramente és um profeta do Eterno”.

Casos como estes últimos eram menos freqüentes, porém, sim, era coisa comum que as pessoas se sentissem sacudidas por fortes impressões. Alguns rompiam de repente em gargalhadas de gozo ou em profundos gemidos. Outros caíam ao solo retorcendo-se. Outros mais se punham a saltar e a dançar.

João Wesley observava tudo aquilo com suma preocupação. Anotava todos esses incidentes cuidadosamente em seu Diário. Estava perplexo. Sua pregação era serena, sóbria, reflexiva, porém de vigorosa afirmação. Não havia nada nela que excitasse desordenadamente as emoções. Deliberadamente se abstinha de provocar ou estimular essa classe de manifestações. E sem dúvida, aconteciam, acompanhando casos de conversão. Por outra parte, havia inegáveis conversões em que faltavam essas crises de caráter físico. Nunca afirmou Wesley que estas manifestações físicas foram indício inconfundível da obra do Espírito Santo. Pelo contrário, chegou a crer que eram mais bem manifestações do maligno que dessa forma tratava talvez de frustrar o avivamento.

Finalmente começou, com doçura, porém com firmeza, a reprimir aqueles brotos de emocionalismo sem freio. Não deixava de crer na autenticidade da conversão de tipo instantâneo. A seu irmão Samuel, que era um tanto cético com relação a ele, escrevia: Estas coisas “tenho escutado com meus próprios ouvidos e as tenho visto com meus próprios olhos”. Porém, nesta mesma carta, longe de mencionar como prova de conversão aquelas manifestações físicas estranhas, se referia, mais, às mudanças na vida e no caráter das pessoas. Para ele essa era a verdadeira prova de conversão e não a outra. Dizia, pois, a seu irmão:

*Eu te demonstrarei o que antes era um leão e agora é um cordeiro, ao que antes era um ébrio e agora é sóbrio exemplar, ao que era um sensual descarado e agora odeia mesmo o aspecto (aparência) do mundanismo. Estes são os argumentos vivos do que eu afirmo.*

Com a discreta, porém constante, repressão do emocionalismo, e a firme posição decidida em que a verdadeira conversão devia produzir uma mudança efetiva e profunda na atitude, caráter, espírito e costumes do convertido, os estranhos fenômenos que na primeira etapa do metodismo ocorriam com certa freqüência, foram se fazendo mais e mais raros, ainda que as conversões, para dizer a verdade, iam aumentando. “Pode-se dizer, adverte M. Lelièvre, o biógrafo de Wesley, que o Espírito de Deus operava nos corações com mais calma e de um modo mais uniforme”.

Wesley pregou um célebre sermão com o tema “Advertência contra o fanatismo”. Pois, como temos dito, recebia com máxima cautela os arrebatamentos místicos, as manifestações emotivas e a pretensão de possuir dons especiais ou potências extraordinárias. Quando uma pessoa afirmava haver recebido dispensações sobrenaturais, Wesley aplicava imediatamente um agudo discernimento e um juízo crítico penetrante. Chegava nesses casos a se perguntar se a pessoa em questão se enganava a si mesma ou estava procurando enganar as demais.

Não se deixava surpreender facilmente nesses casos. A esse respeito, era mais bem cético que ingênuo. Advertia que o grande perigo dos avivamentos como o do movimento metodista era cair nos extremos de um entusiasmo desequilibrado. Uma vez pregou um sermão dedicado expressamente a condená-lo. Intitula-se “Sobre a natureza do entusiasmo”. Nele repudia a exaltação dos sentimentos quando os frutos destes não se mostram na vida, e ataca a presunção de possuir a graça e dons especiais, sem tê-los realmente.

Wesley criticava a pretensão de receber revelações ou inspirações diretas e privadas da parte de Deus, como visões, poder milagroso na oração ou na pregação, dons de curar, etc. Condenava a classe de entusiasmo que provém, são suas próprias palavras, de “uma desordem mental, e uma desordem tal que interrompe mui seriamente o exercício da razão”, que “a faz a um lado por completo”, e que “não só escurece, mas que cega os olhos do entendimento”.

“Pode considerar-se por conseguinte, continua Wesley, como certa classe de demência”. E explicava: “A religião é o espírito de uma mente sã, e portanto, está diametralmente oposta a toda classe de demência”. Denunciava igualmente ao “religioso fanático, o que tem um zelo exagerado pelas opiniões e por aquilo que se compraz em chamar formas de culto... Se imaginam ser campeões da fé... Em realidade seu modo de agir não é senão o resultado de uma mente confusa e um coração desordenado”.

Ao atacar aos que diziam receber revelações particulares e diretas de Deus, sustentava que a maneira de saber a vontade divina não é empregando meios anti-rationais e antibíblicos, mas “consultando os oráculos de Deus”, isto é, as Sagradas Escrituras. Ao entusiasmo exaltado, irracional, desbocado e puramente sentimental, que empurrava a cometer todos esses excessos, chama-lhe, sem rodeios, no famoso sermão que temos citado, de “monstro de muitas cabeças”.

Em tudo isto, Wesley não fazia mais que seguir o espírito do Novo Testamento. Certamente neste se relatam alguns dons extraordinários e manifestações de poder sobrenatural, que se davam nos apóstolos e na Igreja Primitiva. Porém, existe, para temperar e governar o anterior, o elemento de sensatez, a proporção, o equilíbrio espiritual. Nosso Senhor Jesus Cristo era a pessoa mais equilibrada, sensata e serena que já existiu. E sem dúvida, nele habitava a plenitude do Espírito Santo. Porém essa plenitude jamais se expressou nele de êxtase exaltado, arrebatos nervosos ou convulsões histéricas. Pelo contrário, aos atacados e possessos, “lhes expulsava os espíritos malignos”.

Teve, certamente, suas grandes crises pessoais: seus quarenta dias de prova no deserto, sua tremenda agonia no Getsêmani. Porém, nem ainda em meio delas perdeu o domínio próprio. Saía delas inteiro e vitorioso. Voltava a seu espírito a segurança e a calma. E em sua pregação, jamais excitava precipitadamente as emoções. Sempre apelava à inteligência e à vontade, antes do sentimento. Ao mesmo tempo que um pregador fazia soar sua profética voz de chamamento, era um mestre que explicava e ensinava tranquilamente, procurando não só comover, mas fazer entender, e sobretudo, persuadir a uma decisão. E



quando, sem estimulá-lo deliberadamente, o entusiasmo das massas se excedia e extraviava “despedia o povo” e se ia “só ao monte, a orar”.

Temos também o caso exemplar do Apóstolo Paulo. Nele se combinavam uma delicada sensibilidade emotiva e uma mente poderosa e disciplinada. Em suas epístolas encontramos passagens de uma elevação sublime (1Co 13), cânticos inspiradíssimos de vitória cristã (Rm 8:31-39) mas também um raciocínio esclarecido, e um admirável sentido prático. Na célebre passagem de Romanos 12:1, pede que a Deus se preste “culto racional”, ou seja, um culto justo e devido, por sua vez, um culto inteligente, sensato, que consiste em oferecer a Deus a vida inteira, incluindo a mente. Ou seja, que se Deus é salvação (esta palavra, na Bíblia, quer dizer também saúde) e o crente que lhe tem entregado sua vida (e da qual Deus tem tomado posse) deve ser entre todos os homens aquele que deve mostrar a maior saúde mental e emocional, e não só aquela que costumamos ter por separado, e chamamos de “saúde espiritual”.

O apóstolo Paulo chegou a se sentir preocupado seriamente pelo rumo que começava a tomar aqueles dons especiais como o de falar em “línguas”. Exigia que quando ocorresse, houvesse sempre “interpretação” delas. “Na igreja, dizia, prefiro falar cinco palavras com meu entendimento (isto é, inteligíveis), para ensinar também a outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida” (1Co 14:19). Em todo caso, dizia aos coríntios, em cuja igreja muitos se engrandeciam de possuir esses dons especiais, havendo, também, porém, terríveis sacrilégios e imoralidades: “Procurai os melhores dons”. E lhes ensinava o amor como sendo o melhor de todos.

Parece que Paulo passou, pelo menos uma vez, por uma experiência misteriosa, que foi possivelmente de êxtase e arrebatamento místico (2Co 12:1-6). Entretanto, quando se refere a ela, o faz com tanta modéstia e precaução que nem sequer empregava a primeira pessoa: “Conheço um homem em Cristo”. Confessa ignorar a índole de tal experiência: “Se no corpo, não sei; se foi fora do corpo, não sei. Deus o sabe”. Para manter-se humilde, contrasta com essa experiência suas “debilidades”, e até agradece a Deus que lhe tenha dado “um espinho na carne, “para que a grandeza das revelações não me exaltasse desmedidamente... para que não me enalteça sobremaneira” (2Co 12:7-10). E acaba gozando-se e gloriando-se mais “nas debilidades, em afrontas, em necessidades, em perseguições e angústias” (2Co 12:10).

Pouco a pouco se foi dando menos importância na Igreja Primitiva aos fenômenos nervosos e psicológicos, e a certas manifestações extraordinárias que parecem haver sido exclusivas dos começos. Sem dúvida com advertências semelhantes às enviadas aos coríntios, Paulo influiu neles. O mesmo sucedeu com o metodismo. Wesley atuou da mesma forma que o apóstolo: marcou o amor como o dom ótimo da vida cristã. Eis aqui como definia a perfeição cristã: “Entendo por isto, amar a Deus com todo nosso coração e a nosso próximo como a nós mesmos”.

É interessante e significativo que entre os requisitos que Wesley estabeleceu para seus pregadores, não está nenhum desses chamados dons extraordinários, nenhuma dessas manifestações estranhas, nenhum fenômeno de entusiasmo sentimental ou de exaltação

puramente emotiva. Recordemos os termos da fórmula metodista prescrita por ele, nas mais antigas “perguntas disciplinares” a esse respeito:

*Pergunta: Como provaremos aos que se crêem movidos pelo Espírito Santo a pregar?*

*Resposta: Façam-se as seguintes perguntas:*

- 1. Conhecem a Deus como um Deus que perdoa? Mora neles o amor de Deus? Não desejam, senão somente a Deus? São inteiramente puros na vida que levam?*
- 2. Têm dons, assim como graça, para a obra? Possuem em algum grau uma inteligência clara e sã, um critério reto das coisas de Deus, uma concepção exata da justificação pela fé? Falam reto, fácil e claramente?*
- 3. Têm produzido seus trabalhos alguns frutos? Existem algumas pessoas verdadeiramente convencidas de seus pecados e convertidos a Deus por meio de sua pregação?*

*Quando em alguém harmonizam estes três sinais, cremos que está chamado por Deus a pregar. Recebemo-las como provas suficientes de que está movido pelo Espírito Santo...*

A ciência moderna, em seu ramo da psicofisiologia, com seu maior conhecimento do sistema nervoso e dos processos mentais, confirma a sabedoria e sensatez de não dar fenômenos emotivos ou nervosos (ou manifestações de supostos poderes extraordinários ou sobrenaturais) como sinais inequívocos da operação do Espírito Santo. A prova suprema da presença e da operação deste é uma vida moral e espiritual regenerada, e que esteja impregnada do amor a Deus e ao próximo.

O demais é acidental, secundário. Depende inteiramente do complexo nervoso e da constituição psicológica do indivíduo. As grandes experiências da vida interior não têm em todos as mesmas manifestações externas. Pensar o contrário é confundir o acidente particular com a essência geral.

Convém ter presente isto cada vez que nos sintamos tentados a albergar um sentimentalismo teatral, e a buscar nos avivamentos a excitação desgovernada das emoções.

Nada mais fácil, depois de tudo, que sacudir o sentimento e por os nervos no lugar. Basta mudar a voz, colocar-se em transe lacrimoso, usar de uma eloquência voluptuosa, para provocar desde o púlpito um desbordamento de emoção. E com que outros auxiliem com ruidosos “améns” e com ruidosos “aleluias”, a coisa já está feita.

Certo que existem momentos de profunda comoção interior: tocamentos do alto que nos levam ao mais vivo da alma. Esses momentos são merecedores de toda consideração. Contudo, tal coisa não autoriza a converter a excitação deliberada, sistemática e desbocada das emoções, em recurso bastardo da oratória e técnica desonesta de pseudo “evangelismo”, pois a maneira mais segura de frustrar um avivamento é convertê-lo em explosão e fumaça de simples sentimentalismo.

Como um fiel discípulo de Jesus Cristo, assim o entendeu João Wesley. Indo mais além das impressões do momento, cujo exagero reprimiu sem vacilação alguma, buscou em uma verdadeira mudança de vida e de caráter a prova da verdadeira conversão e da presença real do Espírito Santo. E assim o grande avivamento evangélico do século XVIII, sem perder seu genuíno entusiasmo, excluiu os excessos e as extravagâncias. O metodismo se salvou de converter-se em histerismo. Foi um entusiasmo racional.

## **NOTAS**

- (1) W. H. Daniels. History of Methodism. Phillips & Hunt, New York, 1887.
- (2) Daniels, op. cit., pp. 174 e 175.
- (3) Diário, 20 de maio de 1739.
- (4) Juan Wesley: Su Vida y obra. Casa Editorial de la I. M. E. del S., Nashville, 1911.
- (5) Cit. por Rowe, op. cit., p. 139.

### **3. UMA PIEDADE ILUSTRADA**

Que relação existe entre a fé e a ciência, entre a religião e a cultura, entre a piedade e a ilustração (conhecimento, instrução)? Eis aqui um problema secular, que tem dado motivo a uma tradicional batalha, mas também a um constante esforço de conciliação.

Tem havido representantes da ciência e da cultura, da educação e do progresso, que consideram a piedade religiosa como uma ilusão subjetiva, e a fé como uma relíquia dos tempos pré-históricos. E por outra parte, tem havido representantes do cristianismo que têm erigido suas particulares interpretações da Bíblia em barreiras (dissociadas) contra o progresso da ciência e dos conhecimentos humanos. Têm pretendido, sem nenhum direito, fazer da Bíblia a última palavra em questões científicas, esquecendo que ela mesma não pretende ser tal coisa senão algo ainda mais importante: a revelação do caráter de Deus, a proclamação de sua graça redentora em Cristo e o testemunho que conduz os homens a Ele.

Estes falsos representantes do cristianismo têm menosprezado a ciência e a cultura como simples produtos do orgulho humano, e até talvez com a obra do mesmo Satanás. Têm declarado que basta e sobra de piedade, e que a educação, a ilustração, os conhecimentos, são vaidades e que não têm que conceder valor nem atenção, e que até devem ser repudiadas. E têm confundido assim a piedade com o obscurantismo.

Uns e outros são responsáveis pela confusão. São eles (e não a ciência e a piedade que respectivamente dizem representar!) os que estão em luta entre si. Faz anos que estive em voga o livro de J. G. Draper, intitulado “Conflitos entre a religião e a ciência”. Contudo, não é mais do que história do conflito entre cientistas que se intrometem no terreno da religião, e teólogos que se intrometem no campo da ciência. Uns e outros pretendem dogmatizar em esfera que não lhes pertencem.

A Inquisição processou a Galileu porque afirmava que a terra se move em torno do sol. E o obrigava a retratar-se uma e outra vez, já que, segundo a tradição, repetia, após cada retratação: “E por si move” (“E não obstante, se move”). É que naquele tempo a Igreja Católica Romana havia identificado, sem direito algum, a fé cristã e a doutrina bíblica, com uma teoria científica particular, a de Ptolomeu. Por isso condenou a Copérnico, cujas teorias sustentava Galileu, como um herege e blasfemador.

Também Lutero condenava a Copérnico nos seguintes termos: “O povo tem dado ouvido a um astrônomo presunçoso que quis demonstrar que a terra é que gira, e não os céus nem o firmamento, o sol e a lua. Todo aquele que deseja parecer inteligente tem que inventar algum sistema novo que, entre todos os sistemas, é por suposto, o melhor. Este

tonto quer transformar toda a ciência da astronomia, mas as Sagradas Escrituras nos dizem que Josué mandou ao sol e não a terra, que parasse”. **(1)**

Seis anos depois de morrer Copérnico, outro reformador, Melancton, publicou uns “Elementos de Física” em que assentava: “Os olhos são testemunhas de que os céus giram no decurso de vinte e quatro horas. Mas certos homens, por inclinação para novidades ou por um alarde de ingenuidade, têm dado por acertado que é a terra que se move”. (Ibid) Com razão dizia Erasmo: “Se a Igreja se coloca em oposição ao saber, faz do cristianismo um sinônimo de ignorância”. **(2)**

Todavia, a Igreja Católica Romana havia sido durante mais de mil anos a grande depositária e preservadora da ciência, a erudição e o saber em seus mosteiros. E quanto à Reforma, com o precursor Comênio, e com o próprio Lutero, esta havia sido a grande promotora da educação popular. É que, no fundo não há luta entre a fé e a ciência, entre a piedade e a ilustração (conhecimento, ciência, instrução), quando uma e outra se apegam à verdade. Porque a verdade é indivisível. Não está nunca em conflito consigo mesma.

Hoje mesmo, em nossa experiência de evangelização em Ibero-América, se faz uma e outra vez patente que a aceitação do Evangelho leva consigo um poderoso despertar intelectual, uma nova aspiração a educar-se. Isto se vê especialmente nas comunidades indígenas, cujo atraso cultural faz mais notável o contraste com o que sucede quando penetra nelas o Evangelho. Um dos casos mais notáveis dos últimos tempos é o da tribo Tzeltal, no sudeste do México. Quando a maioria de seus membros se converteu ao Evangelho, se produziu uma radical transformação, não só no religioso, mas também nos costumes e em seu progresso material e cultural. Eminentemente antropólogos têm comprovado, com surpresa, a profunda mudança que se operou.

São somente vozes de um pietismo obscuro os que pretendem que a verdadeira espiritualidade não necessita da ilustração (conhecimento, instrução) e da cultura. Fazem que a ignorância se esconda atrás de uma pretendida santidade. Convertem a inteligência em ondas separadas, e supõem que o espírito pode gozar da luz quando a inteligência está em trevas. Durante uma campanha de evangelização estudantil em uma universidade dos Estados Unidos, um jovem me disse, apontando para uma mesa onde se vendia livros religiosos: “Vê você todos esses livros? Pois eu não necessito deles para a salvação de minha alma”. E todavia, se tratava de um estudante.

Certamente, o saber não é substituto da fé que salva. Os muitos conhecimentos não salvam ninguém. Mas um cristão redimido que sabe muito, e que põe ao serviço de seu Redentor o que sabe, pode ser nas divinas mãos um instrumento de suma utilidade. É verdade que Paulo escreveu: “Se eu tivesse toda ciência... e não tivesse amor, nada seria”. Porém disse o mesmo com respeito à fé: ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei” (1Co 13:2). E o próprio apóstolo Paulo era um exemplo do que um servo de Deus, bem preparado e cultivado mentalmente, pode fazer pelo Evangelho. Talvez por isso escrevia aos Filipenses: “E isso peço em oração, que vosso amor abunde ainda mais em ciência e em todo conhecimento, para que aproveis o melhor” (Fp 1:9).

O metodismo foi, desde o princípio, e com seus próprios fundadores, favorável à ilustração e esteve pronto a aceitar o progresso científico como um meio de conhecer melhor o maravilhoso mundo criado por Deus e de empregar mais eficazmente seus recursos no serviço do Senhor e do próximo. João e Carlos Wesley eram verdadeiros “scholars”, eruditos estudiosos, mentes ávidas de aprender, e com uma admirável disciplina para o trabalho intelectual. Ambos foram bons estudantes na Universidade de Oxford, que foi no passado, e é, no presente, um dos centros de cultura mais autorizados e exigentes do mundo.

João Wesley era de uma capacidade mental extraordinária. Por exemplo, em sua missão na Geórgia, logrou aprender suficientemente alemão, francês e italiano para poder em pouco tempo, dirigir nesses idiomas as orações e a exposição das Sagradas Escrituras. Havendo-se encontrado aí com alguns judeus sefarditas, começou logo a estudar espanhol para poder conversar com eles, o qual pode alcançar em poucas semanas.

Sua experiência de conversão em Aldersgate não foi, como temos visto, uma simples comoção sentimental, mas sim uma profunda experiência do poder e da graça de Deus que se apoderou de todo o seu ser, inclusive sua mente. “É bom recordar — disse o eminente rádio pregador metodista, Dr. Ralph W. Sockman — que a experiência de João Wesley em Aldersgate, em 24 de maio de 1738, não foi um relâmpago emotivo produzido por um estímulo artificial. Foi uma iluminação radiante do sentimento, que era resultado de um largo estudo das Escrituras e de uma disciplina rígida da vontade”. Por isso o metodismo foi, para usar uma expressão do próprio Dr. Sockman, uma “combinação do coração aquecido e da mente adestrada”. **(3)**

O movimento metodista foi, como já temos visto, a erupção de uma nova e profunda espiritualidade. Porém, de uma espiritualidade que desde o início procurou difundir e aplicar-se à educação e à leitura de bons livros. Os clérigos oficiais da época, fartos de latim, metafísica e teologia, torciam o nariz diante dos pregadores e congregantes metodistas, tachando-os de turbas de ignorantes. E é certo que a grande maioria deles provinha das camadas pobres e ignorantes do povo. Entretanto, Wesley não os conservou ignorantes e muito menos lhes embotou a mente com a mentira de que a santidade não necessita de sabedoria.

Desde logo, ele mesmo encarnava uma cultura seleta e esmerada. Professor de grego em Oxford, chegou a ser um erudito nessa língua. Diz-se que era mais fácil recordar passagens do Novo Testamento em grego do que em sua própria língua materna, o inglês. Também conhecia muito bem o hebraico e o latim. Para sua escola de Kingswood escreveu gramáticas de inglês, latim, grego, hebraico e francês. Deste último idioma e do alemão traduziu uns 40 hinos.

Era um leitor voraz e assíduo. Lia quando viajava em carruagem. Lia quando ia a cavalo. E lia sobre uma grande variedade de assuntos, e não somente os religiosos. Por exemplo, tinha um interesse especial pela física, e, dentro dela, pela eletricidade que era a maravilha da época. Devorou tudo o que caiu em suas mãos dos escritos de Benjamin

Franklin, Priestley e outros físicos famosos daquele tempo. Fazia ele mesmo experimentos com máquinas elétricas. De modo particular lhe interessava a aplicação da eletricidade à medicina, outra ciência que também estudou com empenho. Até escreveu um curioso livro intitulado Física Primitiva (método fácil e natural de curar a maioria das enfermidades).

A seus pregadores prescrevia cursos de leitura sistemática, sobre os quais se lhes examinava. Exigia-lhes “quando menos cinco horas de cada vinte e quatro, dedicadas à leitura dos livros mais úteis”. Sem ler extensamente, dizia ele, ninguém pode “ser jamais um pregador profundo nem tampouco um completo cristão”. Sua pregação seria como sal que havia perdido seu sabor. Na primeira Conferência Metodista (1744) Wesley lhes recomendou estudar entre outras coisas, especialmente o Novo Testamento em grego, Platão, Homero, Virgílio, Epicteto, Horácio, Júlio César, Erasmo e Pascal, lado a lado dos tratados metodistas.

Em 1747 foi criado o primeiro seminário teológico metodista em Orphan’s House, em Newcastle. Wesley anota em seu Diário a visita ao dito estabelecimento. Essa vez leu com os estudantes e lhes comentou, um “Compêndio de Retórica” e um “Sistema de Ética”. Em 1749, consigna em seu Diário que tinha 17 estudantes. Dividiu-os em dois grupos. Com um leu e comentou “Sobre o Credo”, pelo bispo Pearson. Com o outro, a “Lógica de Aldrich”. E com ambos leu “Regras para a ação e dicção”. **(4)**

Este interesse na leitura, no estudo e no cultivo da mente, passou ao metodismo norte-americano desde seu início. A conferência de Baltimore (1784) pôs em sua Disciplina, entre as regras para a vida do ministro, esta recomendação: “Ler os livros mais úteis, e fazê-lo regular e constantemente. Sem interrupção, dedicar toda a manhã a essa ocupação, ou ao menos cinco horas de cada vinte e quatro. Todavia, não tendo gosto pela leitura, adquira esse gosto por meio da prática, ou volte ao teu anterior ofício”. **(5)**

Além de pregar durante sua vida uns 48.000 sermões, Wesley escreveu e publicou folhetos e livros que, segundo cálculos, alcançaram uns 233. Redatou 118 revistas e condensações de livros de teologia, história, biografia, poesia, política, filosofia natural e medicina. Preparou e publicou obras volumosas sobre História, Ciências Naturais e Poesia. Em 1753 publicou seu “Complete English Dictionary, Explaining most of the Hard Words Which are Found in the Best English Writers: by a Lover of Good English and Common Sense” (Dicionário inglês completo, que explica a maioria das palavras difíceis que se encontram nos melhores escritores ingleses: por um Amante do Bom Inglês e do Sentido Comum).

Entre as outras obras de Wesley estão “Instruções para casados”, vários Manuais Devocionais, “Ensaio Sobre a perfeição cristã”, uma História Eclesiástica, um tratado sobre o Pecado Original, etc. Pessoalmente preparou sua famosa Biblioteca Cristã, composta de cinquenta volumes, formada por condensações de obras dos melhores autores, com objetivo de tornar estes mais acessíveis ao povo metodista e ao público em geral. Foi uma das mais notáveis e das primeiras coleções de divulgação e de cultura popular nos tempos modernos.

Por outra parte, estabeleceu numerosas “Salas de leitura”. Os metodistas, ainda os mais pobres e humildes, podiam nelas entregar-se ao estudo, e iam formando em seus lares — coisa inaudita até então — pequenas coleções de livros que foram as primeiras bibliotecas privadas entre as massas populares da época. Wesley encomendou a seus pregadores a difusão constante e intensa de bons folhetos e livros, recomendando-lhes que cada um se constituísse em um “Mordomo do livro”. E com efeito, os pregadores itinerantes, que percorriam quilômetros e quilômetros a cavalo, chegavam às mais afastadas aldeias com os alforjes cheios de livros e folhetos.

Para prover de livros, ao menor custo possível, as pessoas mais pobres, Wesley formou um fundo especial. Para popularizar os conhecimentos doutrinários fundou a Revista Arminiana. “Nenhum homem fez tanto — disse dele a Enciclopédia Britânica — no século dezoito, para criar o gosto pela boa leitura e para prover livros aos mais baixos preços”. O metodismo foi, em uma palavra, o primeiro grande movimento moderno de educação dos adultos e de difusão popular da cultura.

Junta-se a isso a fundação de escolas elementares, entre elas aquelas Escolas do Domingo, precursoras das Escolas Dominicais de Robert Raikes, que eram como se sabe, não só escolas de instrução religiosa, mas também das primeiras letras e de iniciação nas artes e nas ciências. “Pregai expressamente em prol da educação”, era a consignação de Wesley a seus pregadores. E quando algum objetava: “Mas é que não tenho dom para isso”, o fundador lhe respondia: “Com dom ou sem ele, tens que fazê-lo. De outro modo, não estás chamado a ser um pregador metodista”.

João Wesley, sem dúvida, não era um simples adicto ao movimento geral da época, chamado de Ilustração (Iluminismo). Não advogava pela cultura e a educação como se fossem, por si só, a solução dos problemas humanos. Não fazia delas um ídolo, convertendo-as em um fim em si mesmas. Considerava-as necessário complemento da piedade genuína, como instrumento que daria mais alcance e penetração ao testemunho cristão, como parte da equipe (formação) mental do crente e do pregador, para levar a cabo com maior eficácia sua tarefa de chamar os homens e mulheres ao arrependimento, e oferecer-lhes, em nome de Deus, a dádiva do perdão e a reconciliação em Cristo.

Para Wesley, grande promotor como era da ilustração e da cultura, estas não eram de nenhum modo substitutos da piedade pessoal. Sempre considerou esta como o valor supremo. Sucedeu que o bispo Lowth havia recusado ordenar a certo candidato ao ministério, que desejava ir à América do Norte como missionário, só porque não sabia grego, nem latim. Pois bem, Wesley, o erudito latino e grego (que recomendava a seus pregadores conhecerem estes idiomas), escreveu ao bispo protestando por aquela ação:

“Milord – lhe dizia — de nenhuma maneira menosprezo a ilustração: conheço demasiadamente bem seu valor. Porém, que é, particularmente em um ministro cristão, comparada com a piedade? Que é o homem que carece de religião? Como uma jóia no focinho de um porco!”



Como se vê, julgava com suma sensatez. Queria cada coisa em seu próprio lugar e na devida proporção. A piedade vinha em primeiro lugar, mas a ilustração era importante. Piedade e Ilustração deviam, pois, constituir uma estreita aliança, fecunda em frutos, não uma alternativa absoluta. Deviam ser aliadas, não competidoras ou rivais. Muito menos inimigas. Considerando dentro deste equilíbrio, nesta proporção e com esta ordem de valores, o avivamento metodista foi não só um ressurgimento da espiritualidade, mas um verdadeiro renascimento da cultura popular.

A santidade que João Wesley pregava não era a “santa ignorância” do obscurantismo. Era um fulgor no coração que iluminava também a inteligência. Wesley queria, sim, que seus pregadores fossem antes de tudo piedosos, que tivessem eles mesmos a experiência pessoal da graça redentora de Deus em Cristo, a qual tinham que pregar. Todavia também se empenhou em que fossem ilustrados, estudiosos, leitores assíduos, e infatigáveis disseminadores da educação.

Nada mais fácil que fazer de uma falsa espiritualidade a cobertura da indolência e o abolorecimento (bolor, mofo) intelectual. Nada mais fácil que pretender dissimular com uma série de frases piedosas já bem sovadas e aprendidas de memória, a falta de estudo e de preparação. Nada mais fácil que suprir a solidez do pensamento e o fervor autêntico, jamais reunidos entre si, apelando ao clamor de pratos e toque de tambores de uma “eloquência inflamada e lacrimosa. Porém nada disto tem direito de a apelidar-se metodista. Porque o metodismo genuíno foi, tem sido e deverá seguir sendo, santidade culta, “espiritualidade inteligente e piedade ilustrada”.

## **NOTAS:**

(1) Cit. por Rowe, op. cit., p. 176.

(2) Idem, p. 166.

(3) The Spirit of Methodism, discurso em la IX Conferência Metodista Mundial. Junaluska, 1956.

(4) Diário. III, p. 391.

(5) Stevens, History of the Methodist Episcopal Church, II, p. 232.

## **4. UMA EVANGELIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA**

Pouca coisa tem sido mais perniciosa para a evangelização efetiva do mundo que a forma artificial e a indevida separação que se tem feito, opondo-os às vezes como adversários irreduzíveis, entre o esforço por obter a regeneração dos indivíduos e o empenho pela reparação moral da sociedade em seu conjunto. Até se tem inventado os termos de “evangelismo pessoal”, por uma parte, e “Evangelho Social”, por outra, ou simplesmente se tem contraposto o “evangelismo” e a “obra social”.

Tem resultado assim dois grupos extremos, duas parcialidades que deixam, cada uma, incompleto o Evangelho de Cristo. Esquecem que o mesmo Cristo que chamava pecadores ao arrependimento, era o que dava também de comer às multidões, sarava os enfermos e, denunciava, com sagrada indignação, os exploradores dos pobres, das viúvas e dos órfãos.

Uns dizem estar tão ocupados em salvar as almas, uma por uma, que não têm tempo de lutar pela eliminação das injustiças econômicas e sociais. Outros pretendem estar tão atarefados reformando a sociedade, que não têm espaço para preocupar-se pela regeneração dos indivíduos. Uns se dedicam exclusivamente a pescar pessoas das cloacas (lamaçais, imundícies, fossas de esgoto) e não fazem nada para que as cloacas desapareçam, e nem se preocupam que muitos continuem caindo nelas. Os outros se empenham em dessecar a cloaca sem importar-se que enquanto isso muitos estejam afogando-se nelas. Como é possível que nem um nem outro grupo tenham visto e entendido que ambas as coisas são necessárias e que ambas têm que se realizar?

Desde logo, a obra da conversão dos indivíduos é fundamental. Para mudar o mundo há que se mudar o homem. A raiz do pecado, tanto individual como social, está no coração humano. Se este não muda, nenhuma reforma social dará resultado. Assim, pois, o erro não está em dar primazia à obra da salvação individual. O erro está em limitar-se a ela. Ninguém que realmente se interesse por salvar homens do pecado pode permanecer indiferente diante das diversas formas de pecado social que arrastam os indivíduos a pecar. Existe algo de falso no fervor salvacionista de uma pessoa que se encolhe de ombros diante do sofrimento econômico, opressão, exploração, injustiça, todas as formas, enfim, do mal social.

O Evangelho é uma mensagem que tem a ver com a salvação do homem em sua totalidade. Dirige-se ao homem como unidade. A doutrina bíblica do homem não concebe a este em termos de dualismo. Não considera o homem como uma alma que habita um corpo,

igual a nós que habitamos em uma casa. O que ocupa uma casa não é ele mesmo a casa e inquilino. Mas o homem, sim, é ao mesmo tempo, alma e corpo.

O conceito de uma separação estrita entre corpo e alma não é noção cristã. Isso de considerar a alma como uma entidade à parte, pura em si, mas que tem caído e vive encarcerada na detestável prisão material do corpo, do qual procede todo pecado, é um conceito de origem grega. Conceito que se tem infiltrado no cristianismo, mas que lhe é alheio e oposto.

Certamente, Cristo falou algumas vezes como distinguindo entre alma e corpo: “Não temais aos que matam o corpo, mas a alma não podem matar” (Mt 10:28). Contudo, era uma distinção só de ordem prática: alguns danos que sofrermos são principalmente físicos, no entanto outros são morais e espirituais. Mas seria indevido atribuir ao Senhor, só por essas palavras, toda uma teoria de separação substancial entre alma e corpo, como se se tratasse de uma dualidade, de uma participação ou segmentação do ser humano. No resto do versículo citado, Cristo volta a juntar corpo e alma como uma unidade, como sinônimo, reunidos, de “homem”, do homem em sua totalidade. Disse “. . . temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno”.

O apóstolo Paulo tão pouco participou do conceito bipartido do homem. Quando fala da carne, como contraposta ao espírito, não está em realidade falando de duas partes do homem, isto é, atribuindo ao que literalmente entendemos por um e outro, uma existência por separado. Está se referindo a dois tipos ou classes de homem. Carne não é corpo (que é o templo do Espírito Santo, conforme 1Co 6:19). Carne nos escritos do apóstolo Paulo significa a natureza humana caída. Já “espírito” significa a natureza humana redimida. São sinônimos respectivamente, na terminologia paulina, de “homem carnal” (que vive deliberadamente no pecado) e “homem espiritual” (Rm 8:14).

Paulo usa a palavra corpo para referir-se ao homem inteiro, em sua unidade e totalidade, ao ser todo e à vida toda do homem. Como quando disse: “Rogo... que apresenteis vossos corpos em sacrifício vivo... a Deus”. (Rm 12:1). É verdade que o grande apóstolo costuma falar de espírito, alma e corpo. Porém esta expressão nele é uma melhor forma de descrever, sem que nada fique omitido, o homem total. Num ambiente impregnado e dominado pela cultura e valores gregos, falar em alma, corpo e espírito serve não para separar, mas para unir esses elementos da “psicologia” popular de seu tempo e designar assim o homem completo e íntegro em sua unidade. É uma expressão equivalente a “todo vosso ser” (1Ts 5:23).

Nesta separação artificiosa que se tem feito entre atender às necessidades espirituais e cuidar das necessidades físicas e intelectuais do ser humano há, portanto, uma base falsa, uma base não bíblica, mas pagã. Igualmente mal fundamentada é a atitude, muito comum em muitos cristãos evangélicos, e também em algumas igrejas, de desentender-se da realidade social e econômica dos homens, alegando que a missão do Evangelho e da Igreja é somente “salvar suas almas”. Essa falsa noção tem levado a restringir a obra evangélica e de evangelização unicamente ao chamado “espiritual”.

Contudo, pelo menos enquanto estamos neste mundo, nós homens somos unidades indivisíveis e indissolúveis. A ciência moderna tem confirmado de maneira patente a doutrina bíblica ao ensinar, em outras palavras, que a mente (ou se quisermos chamá-la de “alma”) e o corpo, estão estreitamente enlaçados, de modo que as funções de um afetam as da outra, e vice-versa. Não é possível tratar com a alma, sem produzir repercussões físicas, como tampouco é possível afetar o corpo sem que resultem consequências para a alma, a mente ou o espírito, como queiramos chamar-lhe. Ao considerar o homem como uma unidade de “corpo, mente e espírito” as Sagradas Escrituras se anteciparam a expressar essa realidade incontestável.

Portanto, a missão da Igreja tem a ver com o homem total, não com espíritos desencarnados. Que o Evangelho tem a ver, por conseguinte, com o corpo, e isto quer dizer com as necessidades materiais e econômicas do homem — fica claramente expresso por São Paulo quando diz que “o corpo é para o Senhor, e o Senhor para o corpo” (1Co 6:13) e que o “corpo é templo do Espírito Santo” (1Co 6:19).

O metodismo foi, como temos visto, um avivamento espiritual, uma recuperação do velho e então esquecido Evangelho da graça livre e abundante de Deus para todos os homens. Seu interesse fundamental era, portanto, a conversão individual das almas (“salvação das vidas perdidas”). Entretanto, fiel à doutrina bíblica do homem, não foi exclusivista (não ficou só aí). Seu amor pelas almas (vidas!) ardeu com tão viva chama que foi muito além da tarefa de resgatá-la uma por uma. Considerando o homem em sua totalidade, interessou-se também pelo bem-estar material, econômico e social dos deserdados. E sem vacilação alguma se defrontou com uma sociedade em que privavam instituições, sistemas e práticas de iniquidade e lutou com empenho irredutível pela reforma delas e, em caso necessário, ainda por sua exterminação.

Para Wesley e os metodistas primitivos não havia tal separação entre “evangelismo” e “obra social”. Para eles, a obra de evangelização era tanto social como individual. No prefácio do primeiro Hinário Metodista (1739), Wesley escreveu: “O Evangelho de Cristo não conhece outra religião que a social nem outra santidade que a santidade social. Este mandamento temos de Cristo, que o que ama a Deus, ame também a seu irmão”. Também em um célebre sermão pregado em Oxford, em 1744, declarou: “Todo projeto para reconstruir a sociedade, que passa por alto a redenção do indivíduo, é inconcebível... E toda doutrina para salvar aos pecadores que não tem o propósito de transformá-los em cruzados contra o pecado social, é igualmente inconcebível”.

Como reafirma muito bem Bready: “Wesley ...foi um vigoroso reformador social, pois iniciando e dirigindo um maravilhoso movimento espiritual com imperativos morais latentes, abriu os mananciais da simpatia e da compreensão humana, que por sua vez inspiraram e nutriram uma sucessão gloriosa de reformas sociais”. <sup>(1)</sup> Com efeito, com o mesmo ardor com que pregava aos homens o arrependimento e os chamava a se socorrer na graça redentora de Deus em Cristo, o grande metodista se lançou em um ataque de frente contra as maiores injustiças e os mais graves pecados sociais de sua época.

Em 1774, lançou um livro que ia ter efeitos verdadeiramente revolucionários. Intitulava-se “Pensamentos sobre a escravidão”. Nele, Wesley se fazia o campeão valente, decidido, irredutível, da abolição da escravatura, sistema que então estava no auge das possessões inglesas, e que praticamente ninguém se atrevia a atacar. Era um sistema que gozava da proteção da lei.

Wesley, porém não se amedrontava por ele. “Existem algumas leis, clamava Wesley, que obriguem mais do que as eternas leis da justiça?”. Insistia em que a liberdade é “o direito de toda criatura humana tão pronto como começa a respirar o ar da vida”. E acrescentava: pode a lei humana converter as trevas em luz, ou o mal em bem? Apesar de dez mil leis, o bem segue sendo bem, e o mal segue sendo o mal... Eu nego de maneira absoluta que qualquer forma de possessão de escravos seja consistente com grau algum de justiça, mesmo sendo da justiça natural”.

“Todo esse tráfico de escravo, afirmava, teria o único fim de fazer dinheiro”, e suas escusas eram “vazias e hipócritas”. E como para manter esse sistema alegavam interesses coloniais do país, sobretudo em suas possessões das Antilhas, o reformador declarava sem rodeios: “É melhor que todas essas ilhas fiquem para sempre sem cultivar; sim, seria mais desejável que todas elas afundassem completamente no fundo do mar, do que ser cultivada a preço tão elevado como a violação da justiça, da misericórdia e da verdade”.

Em 1771, publicou seu sério discurso ao povo da Inglaterra sobre o estado da nação. Voltava ele à carga contra o tráfico de escravos: “Rogo a Deus — exclamava — que já não exista isto! Que jamais roubemos e vendamos a nossos irmãos como bestas! Que já não os assassinemos por milhares e dezenas de milhares! Oh! que se tire de nós outros para sempre esta abominação pior que a maometana, pior que pagã! Desde que a Inglaterra é uma nação, nunca houve algo que possa reprová-la tanto como o ter participação neste tráfico detestável... A destruição total e final deste horrível comércio encherá de júbilo a todo aquele que ame a humanidade”.

Não foi mera coincidência que Willian Wilberforce, chamado o Grande Emancipador dos Escravos, fosse um filho espiritual de Wesley, um homem que se havia convertido e que havia desenvolvido uma profunda experiência evangélica ao calor do avivamento metodista. Quando Wilberforce fundou, em 1787, a benemérita “Sociedade Pró Suspensão do Tráfico de Escravos”, o ancião Wesley se aliou a ele, cheio de gozo porque finalmente a semente que havia semeado, à primeira vista, em uma rocha dura, começava a florescer. Foi para Wilberforce a última carta que escreveu, seis dias antes de sua morte, animando-o a seguir em frente “em nome de Deus e na potência de Sua fortaleza”, lutando pela “empresa gloriosa de opor-se a essa detestável condição, que é o escândalo da religião, da Inglaterra e da natureza humana”.

A luta contra a escravidão foi longa e difícil. Wesley não chegou a ver a abolição do desumano sistema. Porém, Wilberforce e outros, frutos direto ou indireto do avivamento metodista, continuaram sem cessar, a boa batalha. E por fim, em 1807, ficou legalmente abolido o tráfico de escravos na Inglaterra e suas colônias. E em 1833 se deu o golpe final, ao proclamara-se a Ata da Emancipação que acabou com a escravidão legal na Inglaterra.

Contudo a dos negros não era a única forma de escravidão que existia nos tempos de Wesley. Tão grave como ela era a escravidão dos brancos pobres que trabalhavam nas fábricas da própria metrópole; os “escravos industriais”. Wesley lutou, pregando e protestando, contra a exploração das crianças e das mulheres nas fábricas, advogou pelo saneamento e humanização das oficinas, defendeu a redução da jornada de trabalho, que era de doze horas, e reivindicou o aumento de salários.

A Revolução Industrial havia trazido consigo uma abominável exploração dos trabalhadores, que se amontoavam, em número crescente, em bairros em que a aglomeração e o abandono tornavam insalubres e moralmente corrompidos. Os pregadores metodistas, que em sua obra de evangelização popular estavam em estreito contato com esta injustiça social, compartilhavam a indignação e reafirmavam os protestos de Wesley. Isto foi preparando o terreno para a grande e decisiva campanha de reforma do trabalho associada com o nome de Lord Shaftesbury.

Este aristocrata, formado em um lar ateu, havia nascido depois da morte de Wesley, porém alcançado também pelo grande avivamento metodista, que prosseguia com ardor, se havia convertido ao evangelho. Chamava-se a si mesmo “evangélico de evangélicos”. Tendo entrado na carreira política, lutou no terreno da legislação pela emancipação dos “escravos industriais”. Seu primeiro triunfo foi lograr a redução da jornada de trabalho para dez horas. A essa conquista seguiram-se outras importantes reformas na legislação trabalhista.

Entre os mais ardentes mantenedores e colaboradores de Lord Shaftesbury se achavam pregadores metodistas e outros discípulos do metodismo. Em sua última visita ao lar de uma família de nome Oastler, Wesley havia tomado em seus braços a uma criancinha chamada Richard Oastler, e lhe havia “abençoado”. Depois de grande, Richard Oastler, colega de Lord Shaftesbury, foi o “apóstolo” da emancipação dos menores de idade empregados nas fábricas. Ele foi chamado de “Rei dos meninos operários”. Era filho de um pregador metodista local. Empenhado colaborador seu foi outro pregador metodista, J. R. Stephens.

O autor de um famoso e revelador informe sobre a situação dos trabalhadores nas fábricas, Michael Sadler, era superintendente de uma Escola Dominical em Leeds. E sendo evangélicos, Lord Shaftesbury e 90% de seus colaboradores, estabeleceram que a luta pela emancipação dos trabalhadores deveria levar-se a cabo exclusivamente por meios não violentos, apelando a um despertar da consciência pública, e trabalhando para obter mudanças mediante procedimentos constitucionais.

Na aldeia de Toldpuddle se levantou um arco memorial dedicado a seis obreiros agrícolas, grandes precursores e iniciadores do movimento sindicalista moderno. Tinham formado em 1833 um sindicato de agricultores. Os sindicatos naquele tempo estavam fora da Lei: eram considerados como associações subversivas. Assim que, em 24 de fevereiro de 1834, aqueles seis sindicatos foram detidos, encarcerados, processados e sentenciados a sete anos de trabalhos forçados nas colônias penais da Austrália. Esses homens, os verdadeiros fundadores do sindicalismo, receberam popularmente o título de “Os mártires

de Toldpuddle”, e antecederam em muitas dezenas de anos aos célebres “Mártires de Chicago”, em cuja memória se tem instituído o “Primeiro de Maio”, como Dia do Trabalho.

Pois bem, daqueles seis heróis sindicais, três eram pregadores metodistas: Jorge e Santiago Loveless e Tomás Standfield; dois eram membros da Igreja Metodista de Toldpuddle, João Standfield e Santiago Hammett. Este último foi preso por engano, no lugar do seu irmão João. Porém guardou silêncio e sofreu a sentença que correspondia a seu irmão, para que este, que era casado, e cuja esposa estava grávida, não fosse separado dela. O sexto dos “Mártires”, James Brine, que não tinha convicções religiosas, se converteu depois, impressionado pelo caráter e comportamento de seus companheiros metodistas de condenação. James Brine ao voltar para a Inglaterra se casou com a filha de Tomás Stanfield, emigrou para o Canadá, e ali foi superintendente de uma Escola Dominical.

Na prisão de Dorchester, Jorge Loveless escreveu um poema intitulado “Hino da Liberdade” que, impresso clandestinamente, foi distribuído largamente entre os obreiros. Poderíamos denominá-lo “A Confederação dos Trabalhadores Evangélicos”.

Sua tradução é a seguinte:

Deus é nosso Guia!

Do Campo, do mar, do arado, da bigorna e do tear,

vamos salvar os direitos do nosso país

e proclamar a ruína da facção tirânica.

Elevemos o lema: “Liberdade”.

Seremos, seremos, seremos, livres!

Deus é nosso Guia!

Não empunhamos espada, não acendemos o fogo da batalha.

Pela razão, a união, a justiça, a lei,

reclamamos a herança de nossos maiores,

Elevemos o lema: “Liberdade”.

Seremos, seremos, seremos livres! **(2)**

O trabalhismo britânico nasceu assim, ao calor do grande avivamento metodista, que logo se fundiu, renovando a outras comunhões evangélicas. Por isso a Inglaterra, onde Karl Marx, desde as salas do Museu Britânico, estudou a grande Revolução Industrial e concebeu e escreveu “O Capital”, se salvou dos horrores e das violências de uma revolução social armada. E por isso o trabalhismo britânico tem conservado a paz com a religião, enquanto praticamente em todas as demais partes do mundo, os movimentos de reivindicação das classes trabalhadoras têm sido no mínimo anti-religiosos, quando não se lançaram nos braços do comunismo materialista e ateu.

Quando os trabalhadores britânicos protestaram contra a sentença imposta aos agricultores metodistas de Toldpuddle, em uma manifestação de mais de 30.000 almas, que marcharam até Whitehall na primeira grande demonstração sindicalista da Inglaterra e do mundo, à cabeça dos manifestantes ia, com suas vestes eclesiásticas de Doutor em Divindades, o Reverendo Arthur Wade, capelão dos sindicatos da metrópole.

Vários membros trabalhistas do Parlamento Britânico têm sido antigos pregadores metodistas locais, como Tomás Burt, secretário da Associação de Mineiros de Northumberland, Charles Fenwick e Arthur Henderson. Outros têm sido pelo menos fervorosos evangélicos, como Keir Hardie e Ramsay MacDonald. Este último chegou a ser Primeiro Ministro inglês.

Em 1910, uma delegação de sindicalistas britânicos, representando meio milhão de trabalhadores, fez uma visita à cidade industrial de Lille, na França, como demonstração de companheirismo aos trabalhadores franceses. E ante o assombro destes, levantaram, lado a lado, com estandartes que levavam lemas socialistas, outros com lemas como estes: “Proclamamos a paternidade de Deus e a irmandade do homem, e mais especificamente, Jesus Cristo nos conduz e nos inspira”. Em suas reuniões com os trabalhadores franceses, alguns desses “líderes” britânicos, amiúde citavam a Bíblia, declaravam que era seu cristianismo que os havia feito sindicalistas, socialistas e partidários das cooperativas. **(3)**

Outra grande causa social que Wesley começou a agitar, e em que teve brilhantes continuadores, atuando em grande parte debaixo de sua direta inspiração, foi a humanização dos presídios e do sistema penal em geral. Wesley havia trabalhado pessoalmente com pleno denodo nesse sentido. Um dia, em Bedfordshire, pregou um sermão sobre o texto: “Tudo o que vier à tua mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” (Ec 9. 10). Entre seus ouvintes se achava um homem chamado John Howard, para quem aquele sermão foi um desafio e uma inspiração. Howard chegou a ser um fervente discípulo de Wesley, e a cultivar uma estreita amizade pessoal com ele.

Pois bem, este John Howard foi o grande promotor da reforma do sistema penal inglês. Foi a sua a primeira estátua que se admitiu na catedral de São Paulo, em Londres, embora não pertencesse à comunhão anglicana. E foi custeada por verbas públicas. Howard se lançou a investigar a situação dos presos nas prisões. E sua denúncia dos tremendos males sociais e injustiças que achou nelas, sacudiu a consciência nacional. Pôs-se em marcha uma reforma penal, que chegou a ter grandes repercussões em outros países. Por isto, considera-se Howard como o pai da reforma moderna dos sistemas penitenciários.

Wesley também repudiou a guerra, condenou a usura e os privilégios do dinheiro, atacou veementemente o tráfico e consumo de bebidas alcoólicas, propôs um sistema de preços justos, salários adequados e emprego para todos. Até chegou a propugnar uma reforma agrária, que terminasse com os latifundiários, propondo que não se permitisse “nenhuma fazenda que produzisse mais de cem libras esterlinas ao ano”. Foi também um entusiasta promotor das cooperativas e do melhoramento das classes pobres. Em seu Diário, ele anotou em 9 de fevereiro de 1753, o seguinte: “É diabolicamente falsa a objeção comum: os pobres são pobres só porque são preguiçosos”. E em 1746, fundou o primeiro dispensário médico gratuito na Inglaterra, e um dos primeiros no mundo.

Muitas dessas demandas e reivindicações sociais soam a comunismo? Não, são evangelho autêntico e metodismo genuíno! Foi João Wesley, e não um demagogo marxista, quem lançou estas palavras de profeta: “Dai liberdade a quem tem direito à liberdade, isto



é, a todo filho do homem, a todo o que participa da natureza humana... Fora com todos os castigos, todas as cadeias e todas as opressões!” (4)

Não tem faltado autorizados e justos testemunhos sobre a importância do trabalho social de Wesley e dos primeiros metodistas. Jack Lawson, membro do Parlamento e chefe trabalhista disse:

*Os primeiros lutadores e oradores em favor dos sindicatos, das cooperativas, da liberdade política e o melhoramento de condições em geral, foram os pregadores metodistas. Isto está fora de disputa. E o Evangelho, expresso em termos sociais, tem sido um poder impulsor maior nos círculos mineiros do norte, que todas as doutrinas econômicas juntas. (5)*

Por sua parte, o historiador francês, Elie Halévy, descreve o seguinte:

*A maioria dos chefes do grande movimento sindicalista que surgiu na Inglaterra por volta de 1815, pertencia a seitas não conformistas. A maioria eram pregadores, quer dizer; praticamente ministros. Seus antepassados espirituais foram os fundadores do metodismo. (6)*

Porém talvez o mais notável, seja o esplêndido testemunho de Lloyd George:

*O movimento que melhorou as condições das classes trabalhadoras em relação a salários, horas de trabalho, e outras melhorias, encontrou a maioria de seus melhores chefes e oficiais em homens que se educaram em instituições resultantes do metodismo. (7)*

Historiadores e sociólogos estão de acordo em que a razão de que a Inglaterra se salvara de subversões sociais sangrentas; de que o socialismo britânico está impregnado de um sentido religioso essencial, em vez de ser ateu como em outros meios, especialmente os católicos; e de que o comunismo materialista não tenha nos países britânicos senão uma força mínima, e quase nenhuma esperança de prevalecer algum dia, é o poderoso alento social do metodismo, que captou e aplicou o espírito da Revolução Cristã.

Antecipando-se ao marxismo e considerando que na Grã-Bretanha se levavam a cabo vigorosas reformas sociais e econômicas, antes que a situação se tornasse explosiva, o metodismo privou o comunismo de terreno propício para sua expansão. E isto se deveu a que o grande avivamento metodista foi um movimento de evangelização revolucionária.

## **NOTAS:**

(1) Op. cit., p. 170.

(2) God is our Guide! From field, from wave,  
From plow, from anvil, and from loom,  
We come, our country's rights to save,

And speak the tyrant faction's doom.  
We raise the watchword, "Liberty".  
We will, we will, we will be free!

God is our Guide! No swords we draw,  
We kindle not warw battle fires.  
By reason, union, justice, law,  
We raise the watchword, "Liberty".  
We will, we will, we will be free!

- (3) J. W. Bready, op. cit., p. 274.
- (4) Pensamentos sobre la esclavitud.
- (5) A Man's Life, p. 67, cit. por Bready, op. cit., p. 259.
- (6) Cit. por Bready, op. cit., p. 271.
- (7) Ibid, p. 274.

## **5. UMA DISCIPLINA DEMOCRÁTICA**

Os grandes movimentos religiosos, como os sociais ou políticos, mostram em seu desenvolvimento pelo menos duas etapas. A primeira é a do movimento propriamente dito. Uma idéia ou um impulso, proveniente no geral de algum grande iniciador ou fundador, inicia fazendo discípulos e ganhando seguidores. A princípio, estes se associam com ele por adesão pessoal, sem nenhuma organização ou com uma organização bem simples. Por sua vez se entregam com entusiasmo a ganhar, a seu turno, e da mesma forma (ou seja, por contatos ou influências pessoais) novos adeptos ao movimento. Esta primeira etapa é dinâmica e flui como uma corrente livre de um riacho que pouco a pouco se torna um rio caudaloso.

A segunda etapa é a da instituição. O movimento entra nos canais mais definidos da organização. Adotam-se normas, regulamentos e formas de governo. Surge um corpo de autoridades. Aparecem leis e sanções. O riacho, agora transformado em poderoso rio, se guia e governa construindo presas, traçando leitos, para utilizá-lo como força motriz e como rego, dirigindo-o por uma rede de canais a fim de utilizá-lo como via de transporte, e levar, com um mínimo de desperdício, os benefícios de sua corrente às mais afastadas regiões.

Na história do cristianismo primitivo vemos estas duas etapas. A do movimento como tal, é a de nosso Senhor Jesus Cristo, e o grupo reduzido de seus apóstolos e discípulos. A era apostólica representa uma etapa de transição, quando, depois de Pentecostes, o movimento começa a converter-se em instituição, em Igreja, ou seja, em uma comunidade organizada. O processo segue quando as atividades missionárias produzem muitas novas comunidades em outras regiões e países, e se vai desenvolvendo em um sistema ainda simples de administração e governo eclesiástico no primeiro século.

Quando, no princípio do século IV, o cristianismo recebe o reconhecimento oficial do Império Romano através do Imperador Constantino, o processo se acelera, a organização cresce, se estende e se complica, até bifurcar-se em duas sólidas e poderosas instituições, a Igreja Latina (Igreja Católica de Roma) e a Igreja Oriental (Ortodoxa). Ambas devem em parte à sua estreita e boa organização, o haver ficado em pé (**sobrevivido**), quando o Império Romano, primeiro no ocidente e logo depois no ramo bizantino, desabou ante a penetração dos bárbaros, e muito tempo depois com os turcos.

O mesmo veio sucedendo com os vários movimentos de reforma, desde a reforma franciscana, até a luterana e a calvinista. Surgia o movimento, desenvolvia-se e se convertia em instituição. Este processo obedece provavelmente a uma necessidade interna que lhe

torna inevitável. E por suposto, cada uma dessas duas etapas tem suas vantagens e suas desvantagens, suas grandes oportunidades e também seus grandes perigos.

O movimento, se não toma alguma forma de organização, corre o risco de dispersar e dissipar sua força, de esgotar seu primeiro impulso, de desintegrar-se em numerosos meandros e vir a parar em um lamaçal de águas imóveis e até infectas. E a instituição corre o perigo de tornar-se estática, de fazer-se um fim em si mesma, de afogar todo impulso de vida e renovação, e, ela tende também a converter-se em um enorme, majestoso, porém mortífero pântano.

Como não pode evitar-se, pois, que o movimento entre na etapa da instituição, o problema consiste em como manter nesta o impulso vital do movimento que lhe deu origem. Se o movimento necessita organizar-se, a organização tem que ser por sua parte, mais do que uma organização, um organismo vivo, são, vigoroso e ativo.

O metodismo não foi, não poderia ser uma exceção ao processo que temos descrito. O movimento metodista, passando pela simples etapa institucional das “sociedades metodistas”, converteu-se, embora contra os desejos originais de seu fundador, na Igreja Metodista. E esta é hoje, com suas diversas ramificações, e seus ramos nacionais em todo mundo, uma das mais fortes instituições cristãs evangélicas. Porém desde o princípio tem sido “gênio” do metodismo, o ter adotado um sistema de organização que permite conservar a espontaneidade dentro da ordem, a liberdade dentro da unidade, o movimento dentro da instituição. Este sistema poderia chamar-se de disciplina democrática.

Devido à educação recebida no lar, debaixo da sábia direção daquela mulher, grande esposa e grande mãe que foi Susana Wesley, o fundador do metodismo era um homem de vida ordenada e metódica. Dele e do mesmo gênero de vida que prescreveu a seus seguidores, o movimento recebeu o nome de metodista. Wesley fixou desde o princípio, regras de ordem, que hoje nos parecem às vezes demasiado detalhadas para o funcionamento das Sociedades Metodistas. Dividiu-as em grupos de não menos que cinco e não mais do que dez membros, e as dotou de uma organização semi-militar, regulamentada sobre bases de ordem, disciplina e obediência.

Também para a conduta pessoal, e ainda privada de seus membros, especialmente os ministros, formulou regras e recomendações precisas: levantar-se às quatro horas da manhã, dedicar dois ou três minutos de cada hora à oração, empregar proveitosamente o tempo (não investir, por exemplo, mais de uma hora em uma conversa particular), formar hábitos de estudo, ordem, pontualidade, asseio, moderação tanto na linguagem como nos costumes, economia (não contrair dívidas que não houvesse possibilidade de pagar), etc, etc, etc.

Tudo isso parece, à primeira vista, uma reincidência no semipelagianismo das regras do Clube dos Santos. Porém, não. Agora havia uma diferença fundamental. Este gênero de disciplina não existia com o propósito de agradar a Deus, de fazer méritos diante dEle, de justificar-se a Seus olhos, mas de servi-lo melhor na ativa tarefa e missão a que Ele chama seus filhos reconciliados por Sua graça em Cristo. Esta era agora a disciplina de atletas do Senhor que têm que correr cada dia, no estádio do mundo, a carreira que têm adiante, na

presença de uma “grande nuvem de testemunhas”, a disciplina dos soldados do Senhor, que têm que vestir “a armadura de Deus” e lutar cada dia “a boa batalha”.

Isto explica também que, no princípio, Wesley governava o movimento metodista centralizando em sua própria pessoa o comando supremo e a autoridade para as decisões finais. Em termos francos, Wesley foi de um certo modo, para o metodismo nascente, um ditador eclesiástico. Não só seus inimigos, mas até alguns de seus próprios seguidores, como, por exemplo, o pregador John Bennett, chegaram a chamá-lo de “o papa João”.

Em 1750, em uma carta a Edward Perronet, Wesley se queixa de que os pregadores não lhe obedecem como ele quer ser obedecido: sem discutir, com presteza e exatidão. Mesmo de seu próprio irmão Carlos se lamenta, porque não podia ou não queria pregar precisamente nos lugares que ele ordenava. Deviam obedecer-lhe, insistia “como filhos (seus) no evangelho”. Porém, exclamava, desolado — “não tenho comigo nem um pregador, e nem sequer seis na Inglaterra, cuja vontade se quebrante, a fim de servir-me assim”. Quis ter um domínio tão completo, que, por exemplo, a seus pregadores itinerantes lhes proibiu casarem-se sem seu consentimento.

Em 1779, expulsou um de seus melhores pregadores, Alexander Mac Nabb, por estimular uma rebeldia. Aconteceu que Mac Nabb havia recebido sua nomeação como encarregado do Circuito de Bristol, que incluía os habitantes de Bath. Nisto, a esposa de certo pregador, designada a outro cargo pastoral, ficou enferma e necessitou de mudança de ar. Sem consultar com Mac Nabb, Wesley decidiu que aquele pregador e a enferma se transferissem para Bath. E para justificar eclesiasticamente a transferência, ordenou ao pregador visitante que ficasse responsável pelos cultos aos domingos à noite. Naturalmente, Mac Nabb objetou. E na discussão com Wesley, que causou o incidente, lançou a tese de que na realidade as nomeações eram dadas pela Conferência, como corpo governante, e não João Wesley como pessoa. O fundador replicou: “Sobretudo, tu tens que pregar quando e onde eu designe”. E como Mac Nabb não ficou de acordo, expulsou-o.

A conseqüência imediata do acontecido foi uma desavença que se produziu na sociedade metodista de Bath. Contudo é prova do nobre caráter de Wesley, o fato de que esteve disposto a reconsiderar sua drástica decisão, de modo que no ano seguinte Mac Nabb foi readmitido ao ministério. Retificação que um verdadeiro ditador não haveria feito jamais.

Outro caso em que Wesley exerceu uma autoridade pessoal absoluta foi quando, em 1784, foi necessário dar à Conferência Metodista uma personalidade legal, a fim de poder possuir propriedades. A seu inteiro arbítrio, e eliminando em alguns casos a muitos antigos, aptos e piedosos pregadores, Wesley escolheu a 100, que era o número requerido para constituir legalmente a Conferência. E declarou com franqueza que havia elegido, sem consultar ninguém, “àqueles que, segundo meu melhor critério, eram os mais adequados”.

Com razão John Richard Green disse de Wesley:

Nunca esteve homem algum por cabeça de uma grande revolução, cujo temperamento fosse tão anti-revolucionário. (1)

Existem pelo menos três atenuantes a esse respeito, em defesa de João Wesley.

Em primeiro lugar, o exercício de uma autoridade suprema sobre o metodismo não tinha por objetivo satisfazer algum complexo pessoal, consciente ou subconsciente, de amor próprio, ânsia de poder ou algum outro móvel egoísta. O interesse dominante de Wesley não era manter a todo custo sua autoridade pela autoridade mesma, senão porque ele cria que era necessária tal centralização, para dar ao metodismo, em condições tão difíceis, uma coesão hermética e uma grande rapidez na ação. Sentia a sobrecarga da situação em que o metodismo se desenvolvia, e queria que o movimento atuasse com prontidão e eficácia, e sem perder tempo em muitas deliberações.

Em segundo lugar, sempre concebeu seu exercício de uma autoridade praticamente absoluta, como algo imposto pela necessidade do momento. A oposição que encontrava o metodismo, por um lado, e por outro as urgentes necessidades de um movimento cujas filas engrossavam a passos acelerados, exigiam decisões rápidas, e uma disciplina severa de luta e trabalho, como se tratasse de uma campanha militar.

Por esta razão, Wesley assumiu faculdades de general e chefe, e organizou seus pregadores como oficiais, e aos crentes em conjunto, como soldados. Estudava os problemas em oração e à vista da Palavra de Deus, submetia-os à estreita análise do raciocínio e à experiência; quase sempre buscava o conselho e as opiniões de seus irmãos. Entretanto reservava-se sempre o direito de tomar a decisão final, e de fazê-la executar com presteza e sem vacilações.

Não obstante, nunca pensou que o metodismo devia governar-se perpetuamente da mesma maneira em que as circunstâncias obrigaram a ele a governá-lo. E a prova disso é que muito antes de morrer, não só não designou um sucessor que levasse o mando supremo, senão que determinou que tão pronto ele faltasse, o governo das sociedades metodistas passasse plenamente às Conferências Anuais, as quais haveriam de conduzir-se como verdadeiros parlamentos democráticos. E assim, o metodismo veio a ser por fim, por imperativo de sua mesma essência, um movimento profundamente democrático.

Em terceiro lugar, como no caso de Mac Nabb, Wesley estava sempre disposto a evolucionar a si mesmo, e a retificar suas posições pessoais, quando a experiência lhe mostrava que era necessário fazê-lo assim para o bem e maior eficácia do movimento. No fundo, não exerceu a autoridade suprema de um modo caprichoso e irracional. Atento sempre à realidade, e absolutamente desinteressado em seus móveis, sem mais anelo que o de servir melhor a Deus e ao próximo, aceitava humildemente as lições da experiência, que em ocasiões foram severas e dolorosas para ele. Pensando nelas, e recordando as vezes em que havia esgrimido com energia, com respeito aos outros, seu cajado de pastor, alguma ocasião exclamou: “Como me tem golpeado, o meu próprio cajado!”

Com esse espírito, e contrastando às vezes com suas próprias ações, Wesley deu ao metodismo, no final das contas, uma organização que respondia, não às tradições de um eclesiasticismo convencional e rígido, senão às necessidades do movimento, segundo e conforme iam surgindo. A organização metodista não foi uma armadura de Saul imposta ao

jovem Davi, senão algo assim como um esqueleto que vai crescendo e fortalecendo-se ao mesmo tempo em que o corpo, adaptando-se a este, por sua vez repartindo-lhe solidez e vigor.

Nas Atas da Conferência de 1747, na sua forma típica de perguntas e respostas, Wesley expressou seu conceito da relação que deve existir entre um movimento, e as formas de organização e governo. Depois de fazer notar que na Igreja Primitiva havia uma grande flexibilidade e variedade nas formas de governo, o questionário Wesleyano afirmou como segue:

**Pergunta:** O termo Igreja no Novo Testamento significa sempre no Novo Testamento uma congregação particular?

**Resposta:** Cremos que sim. Não recordamos nenhum caso do contrário.

**Pergunta:** Estais seguro de que Deus se propôs que o mesmo plano regeria em todas as igrejas através das idades?

**Resposta:** Não estamos seguros disto. Porque não sabemos que tal coisa se afirme na Santa Escritura.

**Pergunta:** Não deve haver inúmeras variedades acidentais no governo das igrejas?

**Resposta:** Deve havê-las, por razão da própria natureza das coisas. Porque assim como Deus dispensa de maneira variada seus dons da natureza, a providência e a graça devem variar-se de tempo em tempo tanto os ofícios mesmos como as pessoas que ocupam cada um deles.

**Pergunta:** Por que é que não existe um determinado plano de governo eclesiástico nas Escrituras?

**Resposta:** Sem dúvida alguma, porque a sabedoria de Deus tinha em consideração essa necessária variedade.

**Pergunta:** Houve alguma idéia de uniformidade no governo de todas as Igrejas até os tempos de Constantino?

**Resposta:** É seguro que não, e não a teria havido se os homens houvessem consultado somente a Palavra de Deus.

Ao proclamar esta verdadeira Carta Magna de liberdade quanto a formas de governo eclesiástico, João Wesley deixou campo aberto ao metodismo para que em sua pujante expansão, não só na Inglaterra, se não no mundo inteiro, pudesse desenvolver-se com força e espontaneidade, sem o estorvo de estruturas e formas de organização e governo, rígidas e uniformes, simplesmente herdadas da tradição. Abriu a porta também para que o metodismo revisasse, reformasse e mudasse suas formas de organização, segundo o requeriam a experiência e a variedade de situações com que se iria enfrentando.

Como membro e ministro da Igreja Anglicana, o qual foi até o fim de sua vida, Wesley se havia formado dentro de uma estrita adesão ao princípio de autoridade. O alento do metodismo era, em sua própria entranha, e por natureza da experiência espiritual em que se fundava, um alento de liberdade. Wesley experimentou pessoalmente a inevitável tensão

dialética entre esses dois princípios. Sentia-se ele mesmo levado, umas vezes por um, outras vezes por outro. Porém, ao fim, ora de bom grado, ora à força de golpes, como ele dizia, de “seu próprio cajado”, foi entrando mais e mais, em sua própria atuação, e no movimento que dirigia, a essa síntese fecunda de autoridade e liberdade, que temos chamado de disciplina democrática.

Como muito bem disse o historiador J. Aayrs:

Sendo por nascimento e inclinação um aristocrata, cerimonialista e conservador, as convicções levaram Wesley à democracia..., e chegou a ser o inovador mais intrépido da época. Seus aderentes, individualmente e como coletividade, experimentaram o mesmo conflito. Às vezes tinha preponderância a liberdade mística e outras, a autoridade constituída. Sem reserva alguma, Wesley havia rompido os cânones e rubrica eclesiástica autorizados. Agindo sobre iguais convicções, muitos de seus seguidores chegaram a demandar direitos eleitorais, administrativos e legislativos em sua Igreja. Criam que todas as almas regeneradas eram membros do sacerdócio real. A história constitucional do metodismo é um registro da ação simultânea da autoridade e da liberdade. **(2)**

A experiência de Wesley em Aldersgate não foi somente a conversão de uma religião de justificação própria em uma religião de “única e livre graça”. Foi também a conversão de um sacerdotalismo rígido e uma ordem hierárquica, a uma fé democrática e um sistema popular. Com seu Clube Santo, Wesley havia ensaiado o método do rigor ascético, da disciplina fria e árida, esperando que nesse clima florescesse uma verdadeira piedade. Foi o mesmo espírito que o levou à sua missão na Geórgia, nos EUA, e que o fez fracassar ali.

Em Aldersgate, obteve um novo e profundo sentido de dignidade e liberdade da pessoa humana, que não há de governar-se com simples atos de autoridade, nem pode desenvolver-se em um clima de mandatos absolutos e rigorismos legais. Depois de Aldersgate, Wesley soube combinar a ordem com a democracia, e a disciplina com a liberdade.

Não obstante sua própria formação como ministro anglicano, o fundador e organizador do metodismo não estabeleceu para seu movimento uma hierarquia clerical de tipo monárquico. Só estabeleceu “superintendentes” que podiam ordenar ministros. E autorizou este último a dispensar a ordenação chamada “apostólica” aos pregadores metodistas, somente porque foi obrigado pela insistência das autoridades anglicanas (**em não aceitar e nem reconhecer os pregadores metodistas**).

O episcopado metodista, que nunca existiu na Inglaterra, nasceu nos Estados Unidos. Seu aparecimento se deve em grande parte ao fato de que este país se achava separado pela vasta extensão do oceano, tinha urgência de prover-se de pregadores ordenados, e aspirava à autonomia. Estas circunstâncias se acentuaram quando as colônias norte-americanas se tornaram independentes da Mãe Pátria (Inglaterra). Entretanto ainda assim, o episcopado metodista não tem sido nunca um rasgo autoritário ou uma casta hierárquica. Tem sido menos, todavia, que uma monarquia constitucional. O primeiro Bispo metodista norte-



americano, Francis Asbury, e os bispos que o sucederam quiseram seguir sendo simples “superintendentes gerais” — “episkopos”, no sentido do Novo Testamento, isto é, um supervisor, não um chefe absoluto.

O alento democrático do metodismo brotava de sua firmeza na liberdade anterior, que igual que quando brotou a reforma do século XVI, foi o pivô essencial do movimento. A “paixão pela justiça e a liberdade interior foram a essência da cruzada evangélica: disso não pode haver dúvida”, disse Bready. <sup>(3)</sup> Já antes citamos a ardente proclamação de Wesley que ondea como uma bandeira magnífica de emancipação. Vale a pena repeti-la: “Dai liberdade a quem se deve liberdade, isto é, a todo filho do homem, a todo participante da natureza humana! Fora com todos os castigos, todas as cadeias, todas as imposições”.

Não podia ser partidário de uma ditadura eclesiástica, quem tanto insistia, como ele, no livre arbítrio humano. Por conseguinte, nas deliberações das conferências e outras assembléias metodistas, procurou desde um princípio salvaguardar a liberdade de opinião e o foro da consciência de todos e cada um de seus membros.

A primeira Conferência Metodista, celebrada na Old Foundry de Londres, estabeleceu, em 1774, o seguinte questionário a tal efeito:

**Pergunta:** Até onde está cada um de acordo em submeter-se ao juízo unânime dos demais?

**Resposta:** Em questões especulativas, cada um pode submeter-se até onde seu juízo seja convencido. Em toda questão prática, até onde possamos, sem lesar nossas respectivas consciências.

**Pergunta:** Devemos ter temor de debater completamente toda questão que possa surgir?

**Resposta:** Temor de quê? De colocar abaixo nossos primeiros princípios? Se são falsos, quanto mais pronto os derrubemos, melhor. Se são verdadeiros, resistirão ao mais estrito escrutínio. Oremos pedindo disposição de receber luz para discernir toda doutrina, se é de Deus ou não.

**Pergunta:** Até onde é nosso dever obedecer aos bispos?

**Resposta:** Em todas as coisas indiferentes, e neste terreno cia obediência a eles, devemos observar os cânones até onde possamos fazê-lo deixando a salvo a consciência.

Sempre a salvo os foros sagrados e invioláveis da consciência! Sempre em alto a primazia da dignidade humana e da liberdade interior! Tal foi o imperativo democrático indeclinável do metodismo, com os bispos ou sem eles.

Na organização interna do movimento metodista, os grupos denominados “classes”, estabelecidos primeiramente em 1742, foram verdadeiros armazéns de uma educação democrática. Naqueles grupos havia oportunidade para troca de opiniões e a discussão. O diretor da classe era simplesmente um irmão maior. E seu caráter leigo era uma garantia contra qualquer intento de converter-se em superior clerical hierárquico, dotado de poderes

ilimitados sobre os fiéis. As “classes” metodistas eram verdadeiras células vivas, não somente para o crescimento espiritual, mas também para a educação democrática daqueles que as formavam.

Com muita razão disse Dobbs:

Um círculo de trabalhadores e mecânicos, aos quais guiava no culto ou na conferência um pertencente a suas próprias filas, foi um grande passo para a democracia. (4)

Outra das instituições mais características do movimento metodista foi o “ministério leigo”, o qual, por seu caráter, ia também influir poderosamente na formação democrática do metodismo. Sabe-se que nos planos originais de Wesley não figurava a criação de uma Igreja ou denominação à parte, separada da Igreja oficial (Anglicana). Havia desejado a princípio que o avivamento cujas ondas de fogo estavam incendiando toda Inglaterra, viesse a constituir uma espécie de ordem leiga dentro da Igreja Anglicana. Por esta razão, os primeiros núcleos metodistas se chamaram simplesmente sociedades. Para ministrar os sacramentos, a pregação da Palavra, e demais “meios de graça”, Wesley esperava que um número suficiente de ministros ordenados, pertencentes ao clero anglicano, se unissem ao movimento.

Porém não foi assim. Não só o ministério anglicano se absteve em geral de reunir-se com o metodismo, como também lançou contra este uma encarniçada ofensiva desde os púlpitos e as diversas reuniões.

Ao próprio Wesley, mesmo com suas ordens legítimas dentro do anglicanismo, fecharam-se os templos negando-lhe os púlpitos. Sem dúvida, à medida que o movimento crescia, com a força de uma torrente por uma empinada em declive, e que engrossavam as multidões carentes de nutrição espiritual, mais agudo se fazia o problema de contar com um número também crescente de ministros que pudessem eficazmente pastoreá-las. Por algum tempo, João Wesley não pôde achar a solução. Educado nos cânones estritos do anglicanismo, apegava-se a duas normas quanto ao ministério: 1) Que só quem houvesse recebido as ordens eclesiásticas podia ministrar espiritualmente ao povo. 2) Que unicamente os bispos que estavam dentro da “sucessão apostólica” podiam conferir ordens ministeriais válidas.

Com este critério, o reformador se achou dentro de um beco sem saída: faltava-lhe cada vez mais ministros; os ministros ordenados que se uniam a ele eram insuficientes; os bispos anglicanos se recusavam a ordenar candidatos metodistas ao ministério. O que fazer diante da situação?

Quando Deus lhe enviou a solução, Wesley não pôde, a princípio, reconhecê-la. Até a desprezou, scandalizado. É o caso do Sr. Tomas Maxfield, jovem artesão, quase analfabeto, convertido em Bristol. Como sucedia com outros leigos, Wesley o havia nomeado em 1740 como diretor da sociedade metodista da Old Foundry de Londres. Como tal, sua tarefa consistia em ler a Bíblia em público, acompanhando algumas explicações elementares. Porém, não tinha autorização de pregar formalmente. Até então, Wesley

reservava a pregação exclusivamente aos ministros ordenados, segundo as normas tradicionais a que antes fizemos menção.

Pois bem, levado por seu zelo, Maxfield acabou por começar a pregar. E o fazia não só com entusiasmo, mas com poder, a julgar pelos frutos de sua pregação. Entretanto, Wesley ficou descontente com aquilo que qualificava como atrevimento e indisciplina. Colocou as mãos na cabeça, exclamando: “Tomas Maxfield se tornou pregador!” É certo que já havia um antecedente. Três anos antes, João Cennick, filho de quacre que antes tinha levado uma vida de dissipação, tinha se convertido ao Evangelho. Por sua própria conta, dando seu testemunho, havia começado a pregar, assim como a escrever fervorosos hinos. Em 1739, Whitefield o havia recomendado para diretor de uma das primeiras escolas metodistas. Porém Cennick continuava pregando.

Embora havendo este caso anterior, Wesley se sentiu sumamente alarmado e escandalizado com o caso de Maxfield. Susana Wesley responde à admiração de seu ilustre filho, com um conselho decisivo e que se tornou história. Apesar de que ela mesma estava imbuída das normas anglicanas, sua intuição de mulher de alta espiritualidade a colocou por cima de todo aquele rigor eclesiástico. Respondeu a ele: “João, tu sabes qual tem sido meu modo de sentir. Não podes suspeitar que eu esteja disposta a favorecer, sem mais, nenhuma coisa desta espécie. Porém, tens cuidado com o que fazes a respeito desse jovem, porque Deus o tem chamado a pregar, tão seguramente como tem chamado a ti. Considera quais têm sido os frutos de sua pregação, e escuta-o pessoalmente”.

João Wesley foi, pois, ouvir ao inflamante pregador improvisado, e não pôde menos que exclamar: “Isto é coisa do Senhor! Faça Ele o que bem lhe parecer!” Naquele dia, em 1742, nasceu o ministério leigo metodista.

Atrás de Maxfield vieram outros, por dezenas primeiro, depois por centenas. Vencidos seus escrúpulos anteriores, Wesley os comissionava para pregar. Artesãos, lavradores, profissionais, sem abandonar seu meio de sustento, primeiro, e mais tarde sustentados em todo ou em parte pelas congregações, foram formando as heróicas brigadas de ministérios leigos.

Por outra parte, como dissemos antes, Wesley havia organizado as sociedades em classes ou grupos, cada um ao cuidado de um diretor leigo, que exercia, com respeito àquele punhado de almas, quase todas as funções de um pastor auxiliar. Uns e outros foram os chefes do metodismo, a cujos esforços abnegados e persistentes se deveu em grande parte a rápida difusão do movimento, e ademais, o desenvolvimento de seu espírito democrático.

Mais tarde, seguindo esse impulso democrático original, viriam outras modificações da organização metodista, mediante as quais os leigos iriam tendo cada vez mais participação, não só na vida, no trabalho, no sustento econômico e no serviço da Igreja, mas também no seu governo. Por algum tempo as Conferências Anuais, e logo, no metodismo norte-americano, as Conferências Gerais, quando estas apareceram, estiveram formadas exclusivamente de pregadores ordenados. Hoje como é do nosso conhecimento, nestes altos corpos de governo, os leigos, inclusive as mulheres, figuram em número igual ao dos

ministros. E na Igreja Metodista da Inglaterra, que não tem bispos, mas um Presidente da Conferência Anual, que exerce funções executivas, existe um vice-presidente leigo, que comparte efetivamente este exercício.

Com este importante papel outorgado pelo metodismo aos leigos, recuperou-se um aspecto esquecido e enterrado do primitivo cristianismo: o caso de haver sido antes de tudo e sobretudo, um movimento leigo, dirigido por leigos. Um movimento sem valor hierárquico, sem clero ou casta sacerdotal, sem burocracias eclesiásticas. Um movimento em que todo crente recebia por ministério do Espírito Santo, ordens sagradas de testemunhar e ser anunciador do Evangelho. Um movimento em que, se bem havia, como deve haver diversidade de dons, e, portanto, de ministérios, não se estabeleciam distinções de classe ou de categoria entre as vocações, chamando a umas “profanas” e a outras “sagradas”, quando a vida de quem as exerce está consagrada a seu Senhor.

Um movimento, enfim, que tem por Cabeça a quem foi, historicamente falando, um artesão de província (carpinteiro), e de quem se diz que “se estivesse sobre a terra nem mesmo sacerdote seria” (Hb 8:4). Já que seu “sacerdócio imutável” era um sacerdócio espiritual, do qual Ele se digna fazer participante, e ao qual Ele chama, a todos e cada um dos que crêem Nele e o seguem.

A imposição de mãos, na Igreja apostólica, conferia uma comissão especial e este ato significava somente que aquela pessoa estava separada e comissionada para tal cargo. Porém não conferia o caráter de uma casta suprema ou especial. Leigos como Áquila e Priscila, sua esposa, evangelizavam e organizavam igrejas — “a igreja que está em tua casa” — nas quais exerciam praticamente o cargo de pastores. E quanto à ativa participação leiga na obra das igrejas da época, basta ler a significativa lista, de pelo menos 28 leigos que o Apóstolo Paulo faz menção no último capítulo de sua carta aos Romanos.

Com seu ministério leigo, o metodismo colocou de novo a luz e encarnou dramaticamente a verdade evangélica de que todas as vocações podem ser sagradas quando se exercem em serviço (“ministério” quer dizer “serviço”) de Deus, em nome dEle e do próximo. Quando, qualquer que seja o campo particular de serviço a que Ele chama, pertence a Ele as ordens que se recebem, essas ordens são indiscutivelmente tão sagradas como as de ministério profissional.

Isto de nenhum modo anula, por suposto, a necessidade de que exista um ministério mais especializado, para o desempenho de funções mais concretas, do ponto de vista da organização, governo e disciplina institucional. Um ministério cujo sinal e investidura é a cerimônia de ordenação eclesiástica propriamente dita, e da qual se espera a dedicação total de seu tempo aos labores da pregação, a administração dos sacramentos, a direção do culto e o pastoreio de almas. Um ministério que, a fim de cumprir melhor com essas delicadas responsabilidades, para as quais todo o tempo de toda uma vida nunca é suficiente, não se distrai em trabalhos e negócios seculares. A Igreja separa homens e mulheres para o cumprimento exclusivo dessa tarefa e para isso contrai o compromisso de suprir o necessário para seu sustento material.

Contudo, este ministério específico não constitui classe ou casta por separado. Muito menos outorga em si mesmo, à parte da qualidade de vida, a fidelidade e a consagração de quem o professa, nenhuma superioridade, privilégio ou precedência no Reino dos céus. Não confere mais honra do que a que Deus outorga a quem, nesta ou noutra profissão, o honre a Ele primeiro.

São as pessoas que o exercem que hão de honrar o ministério, e honrando-o, receberão honra elas mesmas. O ministro recebe credenciais que são necessárias com fins de organização aqui na terra, porém não são essas credenciais que lhe servirão de “passaporte” quando tenha de comparecer, como todos, na presença do Senhor. Já o apóstolo São Paulo disse de uma vez por todas: “Existem diversos ministérios, mas o Senhor é o mesmo”. E a questão das hierarquias e das categorias, já decidiu o próprio Senhor Jesus Cristo, com palavras que não podem ser revogadas: “Se alguém quer ser o primeiro, faça-se o último e servidor de todos”.

Ao restabelecer com suas “classes”, com seu ministério leigo, a tradição mais antiga da Igreja apostólica, o metodismo afirmava suas essências democráticas. E assim, lado a lado com ele, mantinha o princípio da disciplina, como condição para a maior eficácia no serviço do Senhor.

Para Wesley e o metodismo original, a disciplina não é, precisamente por essa equilibrada combinação, o afiançamento de uma autoridade hierárquica, nem implica no exercício de poderes autocráticos pelos que governam a Igreja.

Wesley considerou a disciplina como norma fundamentada no domínio próprio, no auto-governo pessoal. Por isto, o verdadeiro centro da disciplina metodista, constituem-no as regras de conduta pessoal, de caráter e comportamento éticos, que Wesley estipulou umas vezes e recomendou outras, para os pregadores e os fiéis em geral. Pretender fazer da disciplina uma couraça de aço (uma espécie de concha??), uma espécie de Talmud estrito e autoritário, é negar seu verdadeiro espírito e sua verdadeira função.

O metodismo foi, em suma, um movimento de massas, um despertar do homem do povo, do homem comum, a um novo sentido de dignidade e independência espiritual. Em tal virtude, foi genuinamente democrático. Autorizados historiadores e sociólogos têm chegado à conclusão de que ao metodismo se deve o alento que animou esse exemplo de democracias que é a democracia britânica. Enquanto o povo da França se lançava, pelo terror e violência a uma revolução que chegou a ter como instrumento supremo a guilhotina, na Inglaterra, mercê em grande parte da inspiração do avivamento metodista, a revolução do povo assumiu a forma pacífica, porém de profunda transformação política, social, econômica, moral e espiritual.

O metodismo realizou, porém com uma base espiritual e com profundo conteúdo ético, as divisas célebres da França revolucionária: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. A religião foi, no metodismo, “uma religião do povo, para o povo e pelo povo” (5). Porém, por uma parte, não podem medrar nele nem a demagogia nem a anarquia. E por outro lado, nenhum despotismo civil ou eclesiástico pode compaginar-se com seu gênio e espírito.

Porque, desde seus princípios, o metodismo wesleyano foi uma democracia disciplinada e uma disciplina democrática.

## **NOTAS**

- (1) History of the English People, cit. por Rowe, op. cit., p. 190.
- (2) A New History of Methodism, cit. por Rowe, op. cit., p. 80.
- (3) Op. cit., p. 116.
- (4) Bread, op. cit., p. 181.
- (5) Bready, op. cit., p. 137.

# **PALAVRA FINAL**

**Avivamento Evangélico  
Entusiasmo Racional  
Espiritualidade Ilustrada  
Evangelificação Revolucionária  
Disciplina Democrática**

Tais foram, a nosso parecer, os traços essenciais e característicos do metodismo wesleyano. Ao afirmarmos “wesleyano”, não como um culto retrospectivo a uma personalidade, ainda que esta tenha sido marcante, mas como adesão a um espírito e uma forma de piedade cristã, representados pelo homem e o movimento que Deus, em sua providência, suscitou para manter em marcha a constante renovação do cristianismo.

No conjunto, esses traços, que constituem seu ser e sua identidade, deram vida, caráter próprio, força e crescimento ao metodismo. São os que se expressando em nossa época, segundo as circunstâncias e necessidades dela, devem ser zelosamente mantidas pelos metodistas da atualidade.

Cada um dos traços essenciais e característicos do metodismo wesleyano constitui uma harmonia, um equilíbrio de elementos só na aparência contrários. Juntos representam a tradição peculiar com que o metodismo tem contribuído e há de seguir contribuindo ao movimento cristão em todo mundo.

Nas atuais condições do mundo, nunca foi mais imperativo e urgente que o metodismo, em todos os países, recobre, reavive e mantenha, em suas genuínas essências, embora repartindo as modalidades que os tempos demandem, esta benemérita tradição.

O mundo se entrega, mais e mais, a um materialismo estéril e esterilizador. E quando quer sacudir-se, precipita-se em inquietações desaforadas e assassinas. Cabe por outra parte, um ceticismo impregnado não só de desesperança, senão de cinismo. Movimentos religiosos que podiam despertar o vigor e infundir ânimo e esperança, incorrem em um emotivismo que renuncia ao controle da inteligência e se desliza para o obscurantismo. Outros, invocando o inquestionável conteúdo social do Evangelho, apartam-se dele quando adotam a cosmovisão do materialismo histórico, estão dispostos a empregar sua metodologia e se aliam com organismos e sistemas de política militante, cuja inspiração não é evangélica, mas de postulados ateus. E os povos seguem debatendo-se entre a anarquia e a ditadura, sem achar e seguir o caminho de uma ordem realmente democrática.

Nessas condições, o metodismo, se é fiel a sua identidade, tem a tarefa que dela emana:

- Manter-se em constante avivamento, o qual quer dizer renovação interior, porém evitando cair nos meandros de um sentimentalismo infecundo e até psicopatológico.

- Manter seu entusiasmo sem desvinculá-lo do regime da inteligência e da cultura, ao mesmo tempo precavendo-se de um intelectualismo congelador.

- Prosseguir ardentemente seu labor de evangelização, sem trocá-lo por estratégia de ordem político-partidário e de táticas violentas, e acompanhando um intensificado trabalho social, motivado pela dinâmica do amor, da justiça e do serviço.

- E em seu regime interior, mostrando como é possível governar e conviver sem imposições autocráticas nem demagogias desintegradoras.

Por outra parte, numa época em que, com tantos bons augúrios, tem surgido entre as igrejas cristãs o movimento ecumênico, o metodismo, fiel a seu espírito anti-sectário, tem de participar, também com seu “entusiasmo racional”.

E sua participação só poderá ser efetiva se for conservado sua identidade, e desse modo contribuindo ao movimento ecumênico a riqueza de sua tradição peculiar.

A luz, conforme ensina a física elementar, é produto da conjunção de cores. Porém de cores firmes, não desbotadas. Sem renunciar, pois, a suas essências características, senão ao contrário, acentuando-as para fazê-las mais valiosas, porém sempre em espírito de compreensão e de amor, o metodismo poderá alistar-se nas filas do ecumenismo autêntico, em sua marcha para a unidade cristã, esperando e rogando a Deus que esta se realize na forma e no tempo que sua soberana vontade disponha.